

que perturbassem a marcha reconstrutiva da nova situação, impulso dado especialmente ás reivindicações operarias então em voga com a forma de Sindicalismo, etc. etc.

Era uma luta constante, surda, oculta, tênua, pouco organizada, não sei, com franqueza, se compreendida pelos dirigentes republicanos possivelmente mais absorvidos na obra de reconstrução e confiantes no triunfo das ideias do que na capacidade ofensiva dos adversarios.

Não sei nem quero estar aqui a lançar juizes definitivos; ao fim de quase meio século, quero, quer-me parecer que o ambiente não andava m.º longe do que exponho e que a roda oculta de todas as perturbações, a alguma gerseverante de toda a opposição, era nem mais nem menos que a Companhia de Jesus — que não só não perderia as medidas tomadas logo de entrada contra ella mas que atéria intelligen-temente pela desunião dos republicanos a possibilidade dum triunfo espectacular.

Serei injusto? Ha tempos, um amigo chamado de cepticismo, dizia-me a rir que eu tinha a verdadeira fobia dos jesuitas. E' possível, sei lá! Cada qual tem a sua allergia... Mas quero crer que se um dia a História se conseguia fa-

zer a sério sobre esse período, o dedo de Lóiola  
 terá de se encontrar sem a menor dúvida e até  
 servirá para confirmar o ditó latino conhecido de  
ab dipitō gigans.

Ora em Coimbra...

E é aqui que eu quero chegar: em Coimbra,  
 pouco depois da proclamação do regime republi-  
 cano começaram a fazer-se reuniões com aspec-  
 to familiar, desenfadadas, em casa do casal  
 Serras e Silva, na Estrada da Beira, no prédio  
 construído pelo velho Tavares da Costa, merceiro  
 rico, pai da D. Prudencia Tavares da Costa que casou  
 com aquele professor de medicina por obra e gra-  
 ça das sacerdotias.

Esta D. Prudencia com quem, em solteira,  
 eu convivi muito era rapariga alegre, desembara-  
 çada, de espirito vivo, aquilo a que hoje se chama  
 «desenfadado», despreocupada de preconceitos  
 religiosos; o casamento com o Dr. João Serras e  
 Silva, muito mais velho do que ela, homem so-  
 turno, quase teatō, escravo, segundo se dizia, da  
 Igreja, modificou a alegre rapariga com quem  
 lidei tanto, principalmente em Espinho, duran-  
 te as férias, numa creatura observante das re-  
 gras hipocritas do teatismo, com tendências autō-  
 ritarias e aspirações de quando politico.

Não sei bem como se daria a evolução porque a nossa convivência, depois de se casar, pode dizer-se que acabou; mas a evolução deu-se, naturalmente lenta, mas de maneira segura. E o certo é que ás reuniões em sua casa concorriam com assiduidade o Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, o Dr. Joaquim Mendes dos Remedios (que renegeou o seu antigo liberalismo), os novos professores António de Oliveira Salazar e Manuel Gonçalves Beryjeira e mais alguns outros de que agora me não lembro.

O Dr. Vasconcelos era, indubitavelmente, o centro do círculo que, com o tempo foi conhecido e alcunhado de «Vaticano da Estrada da Beira;» com o seu ar imponente e as suas tradições de pouco conformista ninguém o levaria preso, como diz o povo; mas a verdade é que mudára de vez e debaixo da aparência de indiferente era velhacamente reaccionario. Não sei se casualmente se por plano magnânimo, fez-se amigo do medico e professor Dr. Angelo da Fonseca cuja esposa, muito dada á Igreja, queria ter o seu capelão proprio. O Dr. Vasconcelos foi esse capelão e, verdade, verdade, capelão de luxo... E o Dr. Angelo (velho macaco

e republicano desde estudante) foi o principal autor da reforma do ensino superior de 1911 que criou a Faculd. de Letras em Coimbra em grande parte com os professores da Faculd. de Teologia extinta com a reforma.

É bom, talvez, notar a coincidência que é possível tenha escapado a muito boa gente — coincidência que se pôde explicar dizendo que o Dr. Vasconcelos foi o autor escolhido da organização da nova Faculdade. É claramente o novo corpo docente ficou com muitos dos antigos teólogos que constituíam maioria e queriam obstáculos de toda a ordem á entrada de quem não fosse aprovado pelo «Vaticano da Estrada da Beira.»

Não devo esquecer que o Dr. Ferras e Silveira, professor de Fisiologia na Faculd. de Medicina, foi nomeado professor da cadeira de História dos descobrimentos Portuguezes — assunto a que nunca se dedicára. É já para sempre direi que o Dr. Mendes dos Remedios, numa homenagem que prestaram em 1905 a António Augusto Gonçalves na Escola Livre das Artes do Desenho, discursando, afirmou: «... a sua "competência [...] que lhe daria um lugar indiscutível na Universidade, numa cadeira de História

"ria da Arte, se a Universidade Vinasse, como era  
"de justiça, como Faculd. de Letras, etc." Ora em  
1911, na organização dessa Faculd., não me con-  
ta que o nome de Gonçalves fosse lembrado...

Mas não nos afastemos da razão princi-  
pal desta nota.

Eu estou convencido de q. foi ali, magre-  
le prédio da Estrada da Beira, que se começou a  
forjar o movimento de reacção — não organi-  
zando revoltas militares ou conspirações fa-  
ceis de descolerir, mas trabalhando subterranea-  
mente, devagar, dentro de plano seguro, quer  
nas faculdades universitárias recrutando pro-  
fessores de confiança e incubindo nos alu-  
mos, subtilmente, a má vontade ao regime,  
quer desenvolvendo por todos os modos a acção  
do Centro Académico Democracia Cristã (C.A.  
D.C.), cadinho importante de formação ultra-  
montana onde tiveram papel predominau-  
te o Salazar desde os tempos de estudante at-  
rém como o Carejeira, etc. etc.

Dizia-se que a D. Prudencia era de grande  
actividade e que, com o seu dessembraço na-  
tural, constituia, por assim dizer, a alma do  
Vaticano a que o Sr. Vasconcelos daria a consis-  
tência, isto é, a forma que cominha de placi-

dez e rônha canonica. Conta-se que ela chamava ao Salazar e ao Borejeira os « seus filhos » e que a mudança de residencia para Lisboa depois de consolidada a posição do Salazar no governo e do outro como cardeal, obedecia á necessidade de, como mãe, estar mais perto dos filhos... Conta-se isto e parece que é verdade.

O meu condiscipulo e amigo já falecido Augusto Bivar Salgado disse-me que a avia no Sardoal (terra natal do marido onde ia umas vezes por outras) falar com certa exaltação carinhosa nos "seus filhos" e que não gostava de os abandonar.

É como a marcha do regime, por varios motivos, dava azo ás arremetidas dos adversarios, no Vaticano tudo era discutido, apreciado e aproveitado na medida que lhes desse alguma vantagem. Era o cerroer do canero, sem pressa, mas com a certeza de que se havia de chegar ao fim.

Passaram as ditaduras do Pimenta de Castro e do Sidonio Pais; passou a monarquia de Norte em 1919 — e na Estrada da Beira havia a mesma serenidade de sempre, as mesmas reuniões facetas creio até que o mesmo fami-

liar chá com torradas — simbolo simpatico de harmonia e conforto...

Por essa altura já devia ser frequentada ha bastante tempo, um agronomo Abel Mendonça, transmontano, viuvo, professor da Escola Agricola que escondia, debaixo de mascara de placidez e bonhomia, um espirito ferrenho de ultramontano. E tambem não sei por que nas- tas-artes começou a apparecer uma rapariga cha- mada Dionisia Camões, formada em Letras e em Direito, muito trabalhadora, intelligente e con- siderada o perfra-queiro do ~~ultramontano~~ ultramontanis- mo. O certo é que, apesar da differença de idades, o Vaticano arranjou o casamento dos dois, já ella era, então, professora do Liceu.

E creio não ser indifferente a tudo isto o fac- to de o Abel Mendonça ter uma irma casada com o Trijo de Negreiros, de sede viria, porventura, a supremacia que este individuo tem mantido e mantem na governação do País.

Tudo deve, creio eu, andar ligado.

Mas, revertendo, a seguir á chamada tran- quilanea, a agitação politica intermificou-se; os monarchicos reberidiam tudo; o caso do as- sassínio do Antonio Graujo e Carlos da Maia fi- cou sempre no mysterio porque não se quiz



· Predio na Estrada da Beira, do capitalista Tava-  
res da Costa, onde depois se reunia o "Vaticano,"



donde se ve con claridad en el modo de pintar y de  
harmonia y colores.

Por este motivo se debe ser frecuente en  
la escuela de Madrid, en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

Y en el estudio de la

tocar nas responsabilidades de certos magnates do dinheiro como o Alfredo da Silva, da C.U.F., ou o Bento-Maier — cuja interferência talvez se ficará certamente desconhecida. O que era necessário era não deixar os governos tranquilos, perturbar a sua acção e desacreditar quer interna quer externamente, o regime republicano.

E conseguiram.

E depois, era necessário a tomada posições de comando e interferência nos negócios públicos; subtilmente se foram infiltrando no professorado superior criaturas seguras e na máquina burocrática, onde se poderia travar ou auxiliar conforme a intenção, assuntos varios. E também houve indicações a certas famílias reaccionarias e ricas para que os rapazes fossem mandados para as escolas militares (ou da Armada ou do Exército) com o fim de haver quem defendesse a sua causa — a causa dos que têm que perder.

E isto não é fantasia minha: sei eu de fonte segura que em duas familias que conheço, ricas e de prole numerosa, os padres assim fizeram por conselhos alertos e pelo meio eficaz da confissão. Foi uma montagem perfeita do maquinismo.

É ainda pouco, a respeito da rede bem lançada que deitaram, contar um parmenor que pode parecer mínimo mas é automático e curioso.

Aí por 1912, na altura em que meu cunha do Costa Ferreira foi ministro, organizou-se por iniciativa do Dr. José Antunes Vaz Serra (frequente leitor do Vaticano) um grupo de jogadores de volãrete, salvo erro, que reunia habitualmente em casa do meu pai, na rua de Tomar.

O grupo constava de uns velhotes inofensivos como o Dr. Rodrigo de Araújo e o Dr. João M.<sup>a</sup> Arnaud, mas ao mesmo tempo de uns outros que ali iam intencionalmente acoberçar-se á porta mais ou menos segura do genro do dono da casa. Por ex.<sup>o</sup>: o juiz auditor Dr. João Branco de Sousa era o que se chama vulgarmente um macacão muito sabido, homem inteligente, com aparência liberal mas no intimo conservador com muitos laivos reaccionarios; o Daniel Baptista, proprietario rico, o tipo de egoista sem escrúpulos, cuja inteligência reduzida não lhe deixava ver nada além dos seus interesses immediatos; o Dr. Alilio Mexia, professor inter.<sup>o</sup> do Liceu, homem rico, conhecido por «o Mexia gordo» ou ainda por «o Mexia

parco» (alcunhas apropriadas), Talassa dos quatro costados e melhao com apparencia de polure diabo; o Dr. José M.<sup>o</sup> de Almeida, proprietario rico, formado em Direito, o Dr. F. Pires Soares, juiz aposentado, o Dr. José Araujo de Sousa Nazare, o medico Hieronymo Leitao, creaturas com certa linha mas monarquicos irreductiveis que merdiam na Republica sempre que isso vinha a proposito.

Mas superior a todos, o dito Vaz Serra, discipulo e irmão leigo dos jesuitas, refalsado melhao de baixo de mascara afavel. E Vinha → (a)

Ors uma tarde, no verão, em que meu Pai regava pacatamente as flores do jardim, encontrei á conversação com ele o Jaime Artur da Mota, o velho politico da Azambuja, nessa altura a residir em Coimbra para formar o filho, como formou, em Medicina. O Mota, com a m.<sup>o</sup> chegada, continuou a conversação que versava as reuniões dos jogadores. Dizia ele que o Diabo não sabia as coisas por ser Diabo mas sim por ser velho... E pretendia, como amigo, elucidar acerca das razões que levaram as reuniões na rua de Tomar daqueles jogadores, disfarçadas com a alternativa de uns dias por outros se fizessem na rua de Alexandre Gusmão.

→ (a) um irmão Padre da Companhia que fôra professor no collegio de S. Fial.

no, em casa do Vaz Serra, com aditamento de Lealvarico.

Essas razões eram a conveniência, às claras, com família ligada à República quer pelo Costa Ferreira então ministro quer por mim em m.<sup>to</sup> menor escala evidentemente. A reunião seria uma espécie de atestado de bom comportamento daquela sucia de talassas e velhacos. O que achei interessante foi a revelação ser feita por outro "talassa", e até pensei que este a fizesse, não por conta própria, mas por insinuação ou até pedido de meu Tio Albino da Zilva de quem era amigo e, nessa altura, meu chefe de secretaria na Tipografia Auxiliar de Escritório.

Na verdade, o Diabo sabia as coisas não por ser Diabo mas por ser velho... E hoje, ao fim de tanto ano passado, vejo que o Jaime Mota devia ter visto bem eu, quem sabe! Talvez por confidências dos próprios carrelegionários. Enfim, seja como for, aqui fica este por menor, talvez mínimo, como disse, mas que era sintomático dos processos usados e insinuados dos jels volteranos Vaticano da Estrada da Beira.

Outro paralelamente, o exército começou a querer intervir movido por molas umas ocul

Las outras claras. E dessa intervenção saiu a revolta de 18 de Abril de 1825 em que appareceram sem rebuço os elementos monarchicos mas que foi delibada certamente porque a bandeira azul e branca estava muito á vista.

Era pois necessario mudar de sistema: o que seria convenientemente era meter nisso os republicanos, deixar que estes triunfasssem para depois lhes aproveitar o triunfo. Como isto se conseguiu e se realizou não sei, mas pelos resultados se vê bem o que foi o plano subtilmente preparado e muito intelligentemente executado.

E por mais que me digam que não, a esse plano não foi nada estranho o Vaticano da Estrada da Beira.

Estarei enganado?

No mesmo tempo havia, ao cimo da Avenida de Sá da Bandeira, em Coimbra, na grima casa á direita de quem desce, uma farmacia dum certo Moura, onde se reuniam uns maduros á palestra. Esse grupo de maduros tinha creaturas inoffensivas, mas tinha outras nada inoffensivas como era o celebre Jaime Artur da Mota (já aqui falado) da Azaruçija, o Antero Real Marques, então Tesoureiro da Fazenda Publica, o Dr. Manuel Rodrigues, recentemente pro

fessor de Direito, o António Gomes de Sousa, em  
 São coronel, e não me recordo mais quem. No  
 inverno a conversa era dentro; no verão era  
 cá fora, num dos bancos em frente. Ali se dis-  
 cutia política e era verdadeiramente uma dele-  
gação do centro conspiratório do País, e de, co-  
 mo quem não quer a coisa, apareciam o Pedro  
 de Almeida, capitão ou major de Artaria, o  
 Pedro de Azevedo Cruz, um paudista vestido de  
 major de Infantaria e não sei se o Paul Verda-  
 des de Oliv. Miranda ao tempo já major salu-  
 erro.

Aqui está a simbiose: o Jaime Molã velho  
 ronha; o Gomes de Sousa, monárquico de mais  
 a mais desfeito; o Manuel Rodrigues que  
 se alcunhava de socialista e o Antero Marques  
 até essa altura republicano carnachista. Dos  
 militares, o Almeida era republicano, o Ver-  
 dades creio que não tem ideias definidas em  
 política e, francamente, nunca soube definir  
 com segurança o que ele foi e o que ainda é;  
 o Pedro Cruz era um dos maiores biltres e  
 parcações de ardeur moral que tenho conhecido  
 — advertindo que por detrás destes militares  
 andava manobrando com certa arte porque  
 era inteligente, o Severino Gardo, coronel re-

formado, monarchico que guardava certo ou muito rancor ao regime republicano que, aliás, o tratou sempre bem.

Havia mais, é claro; estes, porém, eram os que apareciam ostensivamente nos baucos e isso era geralmente tratado o agrupamento de que acima falo.

Ora isto, é evidente, não é historia do movimento chamado de 28 de Maio; não conheço os partidarios nem aquelles que ultimamente vieram a publico. Isto que aqui fica escrito é apenas o que sei e que quero tipar com o grande centro da Estrada da Beira que habitualmente se tem feito reunir debaixo da bandeira da neutralidade politica, de salvacao da Republica, do prestigio do Pais e mais frases bonaras, certo numero de republicanos que não viam que eram claramente manotrados pela força oculta que eu localizo na Companhia de Jesus.

Comigo houve aquilavel tentativa de aliança. Foi, por sinal, num entéro quando acompanhávamos o Pompeu de Meirellos Garrido para o cemiterio. O bom Floracio de Assis Gonçalves com quem muito me dava e, nessa altura, um dos assessores do Salazar nos trabalhos do Centro Academ.º Democracia Cristã,



chegou-me ao pé de mim por me ver só e começou a falar acerca da situação política da Kristá quadra que atravessávamos e pretendeu sondar a minha opinião, malta a verdade, um pouco desageitadamente.

Eu sabia, mais ou menos, que se tramava uma nova insurreição viçãdora do desastre de 18 de Abril; havia no ar qualquer coisa denunciadora, de modo que a intervenção do Arsis Gonçalves me sentido de querer saber a minha opinião, mostrou logo o intuito bem claro de ali ciamento que, por ser feito a creatura de ideias bem conhecidas, mostrava o plano suspeito da conquista de republicanos que escotrissem a manobra ultramontana.

E depois... quais foram as terras escolhidas para centralizar a maior actividade conspiratória? Coimbra e Braga...

Coimbra e Braga, a Universidade com o Centro Academico Democracia Cristã seu aliado e a Roma portuguesa com todo o prestigio do Primado das Terceiras e o seu exercito de conegos e mais padres — isto é: os dois focos principais do Ultramontanismo em Portugal, os dois auxiliares mais favoraveis á aclimação daquelas frases sonoras da pal-

nação da Republica e do prestígio do País com que os salvadores nos queriam convencer.

E não me parece que isto seja indiferente para avaliar o que foi o crescer da suda ultra montana. Porque não foram escolhidas o Porto, por ex.<sup>o</sup>, ou Lisboa, Vizeu ou Evora? ou outra qualquer cidade? Não será mau meditar nesta escolha quando se estudar a quadra preparatoria com o cuidado e atenção que ela merece. Creio que se não devem desprezar estes pequenos pormenores, na minha opinião encadeados intimamente.

Prefito: na minha opinião, pois poderá ser que eu esteja enganado em a ver real.

Nestes assuntos políticos, de mais a mais para mim antipáticos, pode ser que o subconsciente dite puerilmente alguma coisa q. não esteja bem certa. Tudo pôde ser e não me julgo infalivel.

O certo é que se conseguem ir á frente do movimento o almirante Cabecadas, cujo republicanismo sempre contestava, por falta do general Bocadas, tambem netto republicano já desde a Monarquia. Sabe-se hoje que o então ministro da Guerra, o José Estêves da Conceição Mascarenhas, era veladamente

cumplice; sabem-se muito mais coisas que deixam um cidadão, como eu, não dizer de boca aberta mas de véras suspeitoso.

Coisas verdadeiramente misteriosas.

Mas a verdade também é que, vistas á distancia a que estamos nota-se um encadeamento notável a que talvez se não tenha prestado a verdadeira atenção.

E depois... aquella chamada do Gomes da Costa, creatura sem qualquer especie de moral, para chefiar militarmente um movimento destinado a moralizar a sociedade e a politica portuguezas, é tambem um caso curioso que faz pensar — tanto mais que, começada a revolução e a marcha contra Lisboa, ele trazia á seu lado um padre creio que da Companhia, sem a decisão do qual ele nada resolveria ou talvez nada pensasse.

Neste caso não ha nada misterioso; está bem ás claras a presença da milicia ultramontana se não era reverso a de Loida. E não estou a inventar: quando o Gomes da Costa passou em Coimbra, na marcha triumfal para Lisboa, alguns officiaes do Quartel-General me disseram que num dos gabinetes esteve sempre um padre que ele ia consultar quan-

do lhe pediam opinião ou era necessário decidir. Esse padre acompanhou-o na marcha contra o pul: era a vigilância necessária da grande mola oculta que fazia mover todos esses líderes que se julgavam possuidores conscienciosos do seu livre alvedrão.

E o centro da Estrada da Beira Lá estava atento, para perder o fio da meada. E de lá saiu o Salazar e o Mendes dos Remedios, dias depois, para ministros; saiu como baixo da Avenida de Sá da Bandeira saiu o Dr. Manuel Rodrigues que levou á arreata o Rosa Falcão, o antigo orientador do grupo maçônico acadêmico e velho componente do grupo de estudantes de revolta do Basílio Teles.

Levantava-se um pouco o réu apesar de muitos não darem por isso. Esclareciam-se certas situações até aí indecisas. Mas os republicanos medidos na aventura andavam de rabo alçado, muito convencidos de que triunfariam e de que tudo correria de vento em jôpa.

Algumas agitações conhecidas de todos ficaram com que o Salazar e Mendes dos Remedios voltassem a casa passados dias, já saudosos do cantar dos rouxinóis nas rélias dos jardins...

Mas não, idiotas republicanos! Os rouxins é que ficaram com as culpas; juraram a Companhia de Jesus vive, e vive bem, que o fruto não estava ainda completamente maduro. Seria bom deixar que se degladiassem uns e outros, ~~em~~ e então, em pouco tempo, o fruto viria, como veio, parar - nas mãos, deusapar, é certo, mas com segurança.

E quando os republicanos começaram a dar pelo lago, era já tarde. Os rouxins do Remedio da Saudade tinham - no calado do rio e o que havia no ambiente era a sombra da poeira jesuitica.

O Vaticano da Estrada da Beira triumphava então; a D. Prudencia mandava os filhos á conquista do S.<sup>to</sup> Graal; e a Universidade deixava-se paugar dos seus professores chamados a Lisboa para construir a Grande Obra da Regeneração da Patria. E no banco da Avenida continuavam os colloquios em que então queria imperar o Gomes de Sousa que pouco tempo antes pedira ao Vitorino Gordinho o commando de Infantaria 23 - que de facto lhe foi dado com certo espanto dos conjurados que o julgavam intravigente, incapaz de subserVICIAs...

Confim... coisas da vida.

Triunfou, pois, a revolução. De começo, cautelosa, como couvinha, para não assustar as massas; mas o plano estava formado e seria de cumprir-se. Lá estavam vigilantes os filhos de Doida, seguros de si e, vá lá! seguros da ineptia dos pobres diabos republicanos, confiantes no seu bom juízo e na sua perspicácia — que deram o que se sabe.

Os successos, depois do triunfo, são conhecidos, não vale estar aqui a repetir. Com estas notas apenas quiz reunir algumas recordações que não ficarão a mais em cadernos deste género; e quiz mostrar, talvez algum tanto atabalhoadamente, o fio da manobra inteligente com que o ultramontanhismo conseguiu os seus fins.

Compreender-se-ha o que eu quiz aqui dizer? Isto foi escrito, não direi de atozadinho, mas sem pretensões a obra definitiva. Fica para si e quem ~~quis~~ um dia ler que tire as conclusões que o seu bom senso ditar.

Simples elementos que poderão auxiliar um dia a reconstrução da offensiva ultramontana. E mais nada.

Coimbra:

Mais: 29:

Ha pouco, a radio anunciou a subida do general De Gaulle ao poder. Sempre couseguir a minha aspiração.

A figura de De Gaulle é, evidentemente, digna de respeito e de admiração; sem ele, como teriam corrido as coisas durante a ultima guerra? Foi, na verdade, um grande homem que em grande parte contribuiu para salvar a França. Mas... agora sobe ao poder por meio de uma rebelião militar; isto é: por imposição de uma verdadeira revolta do exercito. Por mais voltas que o Presid.<sup>te</sup> Coty queira dar ás suas diligencias para salvar as formulas constitucionais e democraticas, o certo é que o quase ultimatum dos generais de Argel prevalece sobre os Principios.

E foi isto que me incomodou ha pouco, ao ouvir o noticiario dado pela nossa Emissora com considerandos intencionais. Os considerandos passaram, é claro; mas o que ficou foi o facto real: mais um triunfo da reacção e do exercito. Sembr-me vencido,

Coimbra :

Mais : 30 :

Ao subir hoje para a Univ. de Coimbra, encontrei, ás Escadas do Liceu, o velho Melo, antigo combiniado da Faculd. de Letras que me falou e tambem me não saber que o curso de m.ª filha se reunira no dia 15 p.ª celebrar o 25.º anniversario da sua formatura.

E a propósito falámos do Manuel Berqueira, um dos seus discipulos, hoje pessoa graduada no Porto, chefe da Igreja baptista. E o Melo, com sorriso algum tanto melancolico, disse-me :

— E o dr. Berqueira podia ser hoje professor da Faculd. ...

Perante a m.ª duvida elle explicou : o dr. Carlos Firmãos Ventura apreciava muito o Berqueira pela sua seriedade, capacid. de trabalho e saber ; e quando este se formou chamou na Faculdade a sua chamada para assistente, como bom elemento. O dr. Antonio de Vasconcelos que já não era director da Faculdade porque ~~se~~ passára os 70 annos, mas ainda era o « director espiritual », protestou logo contra a ideia de se chamar um protestante ; e na verdade, o Berqueira não foi proposto...



O Melo, concluía a história com um sorriso:

— O dr. Vasconcelos, ás vezes, alevia-se um pouco comigo; e quando lhe falei um dia no dr. Berqueira, disse-me: "então o nosso bom dr. Ventura não nos queria meter na Faculdade? um protestante?...". E foi assim mesmo sr. Coronel.

E com um suspiro de ombros:

— Coisas que já lá vão...  
Na verd. coisas que já lá vão; mas esta conversa com o Melo ajuda a documentar o que lá pouco escrevi, nas paginas dedicadas ao anniversario do 28 de Maio.

Coimbra:

Junho: 10

Ante-onhem fizeram-se eleições. Saí eleito, oficialmente, o contra-almirante Américo Tomás; e digo oficialmente porque, na realid., quem as urnas elegeram foi o Humberto Delgado.

Tudo o que nestes ultimos dias aconteceu parece sair duma caixinha de surpresas, como um conto de maravilhas. Pelo meu, deste meu conto da rua de Venceslao Rodri-

ques ou de que isolo, e' o que me parece ver, tão surpreendentes se apresentam os sucesos.

Durante 32 annos esta gente da rituação, guiada pela mão super-habil da Companhia de Jesus, reduziu ao silencio um País inteiro. Aparece, de repente, como nas magias, um homem que, como o garoto do conto celebre, diz com resolução

— O rei vai nuí!...

e toda a gente abre os olhos e abre a boca para dizer q. na verd.<sup>a</sup> o rei ia nuí. E quem é esse homem que exclamou essa verdade como pinha? Esse homem é um quase desconhecido, um general dedicado aos assuntos da aeronautica, alheio aparentemente á politica e, até, creature sem responsabilidades na manutenção do Estado Novo.

Como comprehender que um homem assim agitasse de tal modo a opinião publica, provocasse manifestações massivas como no Porto, incitasse dedicações fervorosas e, por fim, saísse das urnas, a seguir a uns poucos dias de propaganda repreada quase a conta gotas, eleito por notavel maioria para a Presidencia da Republica?

Ferrão meo digno de atenção, licença q. quero crer, os governantes não aproveitam e tudo continuará na mesma como até hoje. O que parece resalta de tudo é que desde o monarchico integralista até ao comunista, todos se reuniram á volta do Humberto Delgado; a mistura tinha seus inconvenientes, é certo, para o caso da vitória,



General HUMBERTO DELGADO  
Candidato à Presidência da República

mas significa o valor da repulsa da grande maioria dos portugueses por este estado de coisas que já excede as marcas.

É é isso que eles de certo não veem mas fingem não ver — part. a Companhia assim

o exige para maior gloria de Deus.

Quero, parem, acreditar que ainda teremos muito que ver nos proximos tempos — e oxalá não váia asneira.

Ora eu conheci este Humberto Delgado em 1935, em Caxias, quando, como tenente-coronel, frequentei a Escola Central de Officiais. Ele tirava, salvo erro, o curso do Estado-maior

e, como usavaa mesma pequena casa que se juntou á "mess", apparecia muitas vezes, de pois do jantar, no salão, para um pouco de joglatria amena.

Leandro-me levou dele. Era rapaz, então, dos seus 28 para 29 annos, desempenhado, alegre, de maneiras delicadas; já era aviador e uma vez por outra voava no seu avião ligeiro por cima de Coxias e desceudo bastante na altura da casa de habitação, deixava cair uns saquinhos de rebuçados e doces sobre o quintal onde duas creanças, filhas dele, olhavam com curiosidade e com risos de alegria, esperavam o agradável presente.

Uma noite, falei-lhe nisso e perguntei-lhe se não havia perigo em descer tanto com o avião. Ele teve um escolher de ombros modesto e respondeu:

— Os pequenos acham graça... e quando vou a Sintra, Leandro-me sempre de lhes lançar uns cartuchinhos de bôlos...

Conversava bem, com animação; e ainda o estive a ver a apreciar com ares realiciosos certas paléstras que alguns dos tenentes-coroneis manobriavam, com inferioridade e sem qualquer interesse. E parecia-me que ele ~~era~~

observava com curiosid.<sup>e</sup> o gráo de inteli-  
gencia e cultura dos meus companheiros. É  
possivel que não mas também é possivel que  
assim fosse.

Depois, passados anos, quando comandi-  
na Infant.<sup>a</sup> n.<sup>o</sup> 7, ele esteve algum tempo no  
Quartel-General da Região e, não me lembro  
já porquê, tivemos varias vezes de falar. Uma  
delas, até, foi no teatro, em Leiria, onde eu esta-  
va com m.<sup>o</sup> Mutter num camarote a assistir  
a qualquer espectáculo. Bateu a porta, entrou  
e explicou a razão por. chegar tão tarde; con-  
videi-o a ficar até final da recita no camara-  
te e combinámos a hora, no dia seguinte,  
p.<sup>o</sup> tratar do assunto que o levára a Leiria e de  
que já me não lembro.

Vi que era rapaz com hábitos de socieda-  
de, sem affectações. Tinha desembaraço natu-  
ral e fiquei gostando dele. Causou dois bi-  
betes que me escreveu nessa altura.

E nunca mais o encontrei.

E agora esse rapaz cheio de vida, delica-  
do, com maneiras distintas, aparece passados  
tantos anos a magrificar o povo português  
com muito poucas palavras. Bastou que sim-  
plesmente quizesse o encanto da adoração

eu que se estava dum idolo como já se  
 temo duvidoso e dissésse que afinal o rei  
 ia rui! E bem rui...

Vamos a ver no que isto acaba. Mas não  
 deve acabar bem.

Paz : Maíra :

Julho : 24

Desde ante-ontem neste deserto de salinos.  
 Lá está caído como nos anos anteriores...

Que lhe hei-de eu fazer?

Ora bem. Vou aqui auster dois casos sem  
 importância mas que, apesar disso, não que-  
 ro deixar passar sem julgado.

O primeiro :

Em 6 deste mês o Diário de Notícias de  
 Lisboa, publicava uma carta do marechal Sal-  
 daña com comentário e introdução do Augu-  
 to Pereira escritor dado especialmente ás ge-  
 nealogias. Ora a apresentação da carta provo-  
 cou esta outra minha para o dito Augusto Pe-  
 reira escrita ainda em Coimbra a 12 do mês  
 corrente :

« <sup>meo</sup> Sr. A. P. — Li ha dias, no Diário de  
Notícias o arbispo de V... a proposito de uma carta

do marechal Saldanha ao Cardeal Sarainha. Nesse arbigio notei principalmente o passo seguinte: «... cerco do Porto que ele conseguiu fazer levantar, merecê duma solida carga de Cavalaria.» Ora eu publiquei ha pouco um trabalho de certo muito que anda pelas livrarias, relativo ao marechal e confesso que não sei que carga de Cavalaria foi a que obrigou a levantar o cerco. De certo U... encontrou qual quer documentação que esclarece o assunto e que eu desconheço. Torno, por isso, a liberdade e o atrevimento de vir repar o esquecimento, se isso o não contraria, de me dizer qual a fonte encontrada. — Será esta carta uma impermissão? Nestes assuntos de investigação historica ha sempre surpresas. Queira U... desculpar e acreditar que, etc. etc.»

O nomeu respondeu amavelmente mas comprometido. Já se não lembra onde encontrou a frase p.<sup>a</sup> tal referencia, e ilude um pouco a m.<sup>a</sup> pergunta. Conclusão: escreveu aquilo ao correr da pena sem preocupação de verificar o q. affirmava. E' o caso de aplicar a conhecida e repetidissima frase: «e assim se escreve a historia...» que me

te caso tem a agravante de ser aplicada a  
uma creatura com fumaças e flocos de hiss  
Pariader.

Vamos ao segundo caso:

No diário Republica, de Lx<sup>o</sup>, do dia 16 do  
corrente vinha a  
noticia que aqui dei-  
xo recortada e cola-  
da. Parece-me que  
foi propositalmente  
que a noticia saiu  
assim e, na vert<sup>te</sup>,  
é digna de nota.

### Prof. Hernani Cidade e Amália Rodrigues

O «Diário do Governo» publica  
hoje os decretos que concederam  
ao sr. prof. dr. Hernâni António  
Cidade, catedrático da Faculdade  
de Letras de Lisboa e artista Amá-  
lia Rodrigues, respectivamente, os  
graus de comendador e cavaleiro  
da Ordem Militar de Sant'Iago de  
Espada, o último por proposta do  
presidente do Conselho.

O illustre Salazar propõe o grau de comen-  
dador de Santiago á contádeira de fados: é o  
cumulo! E para maior desfaçatez, a condeco-  
ração saiu junta com a do Hernani Cidade...

E eu, no primeiro impulso, cá a escrever ao  
dr. Cidade protestando contra a conpanhia que  
lhe deram; mas reflectindo, achei melhor dei-  
xar passar o caso em julgado.

Quem sabe, até, se o Hernani Cidade não  
estranhou ~~em~~ ou se não importou — e eu  
iria ser mais papista que o Papa.

Adiante, adiante...



Paz (Mafra):

Agosto: 11.

Fui hoje a Lisboa á despedida de Ana Maria que vai com o pai, em excursão aos Açores; e aproveitei para ir receber nove contos, quatrocentos e cinquenta escudos que a Livraria da Costa me deu por venda de 135 exemplares do meu volume Saldanha.

Parece quantia arulhada; mas pouco colure despesas já feitas em especial com o pagamento da reparata. E fica por pagar o trabalho de fazer a obra...

Paz (Mafra):

Agosto: 15

Com a morte do Com Pires Monteiro a Revista Militar perdeu não só um dos melhores pilares como, em especial, o seu crítico bibliografico. Ha tempo o general, o major Luis Soares de Oliveira insinuava-me, delicadam<sup>te</sup>, de que eu poderia substituir o falecido critico. Eu não disse que sim nem q. não, mas agora foi a direcção da Revista que abertamente me solicitou o encargo.

Respondei que sim... Que havia eu de dizer? Não me senti lisonjeado, é certo; a honra não é das maiores; mas não desgozhei do trabalho, tanto mais que é tarefa a q. verdadeiramente nunca me dediquei e, já agora, nas proximidades dos 50, é tentação desculpavel.

Fiquei, pois, o crítico da Revista. Quêem recebi já o primeiro pacote com livros, entre os quais um livro de versos. O officio de remessa, a respeito deste ultimo dizia: « não sei se é costume ou valerá a pena fazer-lhe referencia... »

Pobre gente!... Parece é que a Revista Militar não ha-de fazer referencia a um livro de poesias?

Enfim, vamos a ver como me comporta nesta nova fase...

Paz Paz (mafra)

Agosto: 16.

Chega-me nos jornaes a triste noticia da morte do Tenente Antonio Agostinho.

Quem era este Antonio Agostinho?

Verdadeiramente, era um desconhecido. Parece, para mim, era um amigo que estima

na hostilidade e que tinha, por mim, estima e amizade dignas de nota.

Conheci-o aí por 1912 quando se organizou em Coimbra o Grupo de Administração Militar; devia então ser alferes do Quadro Auxiliar, de fresca data e era m.<sup>to</sup> novo. Republicano, m.<sup>to</sup> liberal, entusiasta, tornou-se-me simpático pois ao mesmo tempo q. era de temperam.<sup>to</sup> um tanto ou quanto impetuoso, era respeitador e afável. Não sei já bem por que razões, o rapaz simpatizou comigo e votou - me amizade que ~~se~~ se reconhecia com exuberância.

Lembro-me de q. no tempo das Juntas Militares de 1918-1919 ele foi um dos mais activos e entusiastas elementos de resistência e até foi ele q. me foi procurar ao quartel de Infant.<sup>aria</sup> 35, em S.<sup>ta</sup> Clara, no dia da passagem do celebre comboio de tropas q. vinha de Santarém, para eu comandar a força que se devia opôr ao desembarque em Coimbra.

Os tempos passaram, os sucessos foram variando e o Ant.<sup>o</sup> Agostinho ficou sempre o mesmo, o mesmo entusiasta, o mesmo convicto e honrado republicano. Passou á reserva há muito; passou a viver na sua

case da Anolera, conceito de Candeixa, fel-  
to laureador; mas quando ia a Coimbra e  
me encontrava, corria de braços abertos pa-  
ra me abraçar e muitas vezes me levava à  
partida p.<sup>a</sup> me ver e conversar, desalentado,  
acerca dos sucessos correntes.

Bom Antonio Agostinho! Aqui deixo es-  
tas simples palavras, seu valor, para lem-  
brança dum bom amigo, modesto e desco-  
nhecido, mas digno dumha referencia nestas  
minhas papinas destinadas ao esquecimento.  
No final do vol.<sup>o</sup> fica colada uma notícia da  
sua morte, recortada do jornal Republica, de  
Lisboa — unico periodico que noticiou com  
justica o desaparecim.<sup>to</sup> deste honesto e digno  
cidadão. <sup>(1)</sup>

Paz (Matra)

Durubero: 3.

Faço hoje 79 anos, ultima cartada da casa  
dos Setenta. Para o ano se for vivo entrarei  
na casa dos Oitenta...

Para quê?

---

<sup>(1)</sup> A pag. 422 no final do volume.

Lisboa

Outubro: 5.

Na capital do Império. Dia chuvoso. Bandeiras nos edificios publicos. A policia fardada com grande uniforme. Comemora-se a proclamação do regime — mas as manifestações estão proibidas...

Lisboa:

Outubro: 28

Ha dias, o Grauc.º Carlos de Paiva, contr.º de Bibliotheca da Univerid.º, a quem perguntára pelo estado de saude do dr. Joaquim de Carvalho, dizia-me que a sua vida era questão de umas semanas.

Impressionou-me a noticia. Mas hoje os jornais e um novo bilhete de Paiva annunciam-me a sua morte. Ainda esperava vê-lo e prestar-lhe a homenagem devida quer em vida quer depois de morto. Mas não aconteceu e devo confessar que me sensibilizei, que senti as lagrimas correrem aos olhos, que me impressionou fortemente a certeza do desaparecim.º do notavel professor e talvez amigo.

Nestas minhas notas de acoso deixei por meus comentários acerca do Dr. Joaq.<sup>m</sup> de Carvalho possivelmente um pouco azedos e não sei se injustos. Mas hoje, perante a morte, devo dizer que sobre esses comentários de acasos, que me saíam do peito de meu estado de espírito ou desconfiança, fica a certeza de que desapareceu alguém em Portugal e de que, afinal, foi a ele que fiquei devendo a leitura das Cartas do Infante Dom Pedro e a publicações dos meus estudos Cartões e "as artes belicas", e O marechal Saldanha, além de certas preferencias que revelavam estima, consideração e parentesco amizade.

Hei-de deixar escritas aqui, com vapor, as m.<sup>as</sup> impressões sobre esse grande Professor que na cultura portuguesa deixa um lugar difficilissimo de preencher. Com serenidade quero dizer o que hoje sinto, e lembrar a minha convivencia com ele desde os tempos em que, ainda estudante, me foi apresentado pelo Augusto Casimiro como grande promessa das Letras. Por hoje limito-me a confessar q. escrevo com lagrimas nos olhos.

nos todos, como os da sua individualidade

Disboa Novembro: 1  
 Ontem, na vinda de uma fujida á Paz, e  
 numa camionette da Empresaria Gaspar, ao pas-  
 sar no Pinheiro de Loures houve abalram.  
 com uma camionette de hortaliça q. se atraves-  
 sou não sei como na estrada. Com o sucom.  
 No brusco, a nostra camionette ficou com a fre-  
te estragada e por consequencia inutilizada e  
 eu dei com a cara nas costas do assento da fre-  
te e fiquei bastante magoado.

O mês acabou mal.  
 Hoje, parem, ao entrar  
 num electrico, o condutor  
veio-me-me com lithete  
 com capricia. Ainda bem,  
 pois vejo que este mês de S.  
Marinho dá um parco de  
esperanças de melhoria.  
 É, vamos lá! as super-  
ficções não ainda uma grande coisa: vão ali-  
mentando esperanças e sempre não entra-  
ndo o espirito.  
 É sempre fazem rir os outros que ficam  
 com direito a devidar das minhas faculda-  
des mentais.

Lisboa:  
 Novembro: 9.  
 Não há dúvida de que  
 tudo seu maré de sorte...  
 Hoje, quem eléctrico, o con-  
 dutor recordeu-me a outra  
 capriciosa. O mês de No-  
 vembro promete, pelos vis-  
 tos. E de mais a mais a  
 dois dias do S. Martinho...

Mas suprim, na li! ainda despendam tan-  
 deiras e Lisboa:  
 Novembro: 13.  
 O governo não consentiu a vinda a Por-  
 tugal do chefe trabalhista Aneurin Bevan q.  
 os chefes da opposição consideraram para umas  
 conferencias publicas em Lx., Porto e Coim-  
 bra. Os membros da governança tiveram que  
 do — e com razão: não só receberam o que o  
 politico implês poderia dizer, mas tambem o  
 que ele viria verificar a respeito do regime  
liberal em que vivemos. E assim, logo a não  
 consentir na vinda do homem «considerada  
 inadmissivel...»

O que dirão o chefe trabalhista e os implês  
 nos todos, ciosos como são das suas liberdades



des individuais? É caso para dizer, como o velho Dr. Costa Lobo, que até foi melhor a proibição... Talvez na Inglaterra o caso seja de maior importância.

Enfim... Seja como for, o declínio da chamada «rituação» é evidente. E para recordação fica colado no final do volume a nota officiosa com que o governo explica a «inadmissível» vinda a Portugal dum cidadão livre da Inglaterra. <sup>(1)</sup>

Lisboa:

Número: 23:

Fui hoje, com a família, almoçar pacamente à Paz; à noite, para fazer horas do jantar, entrámos no Café Explorada do dinâmico Joaquim Manuel de Oliveira — onde vi pela primeira vez a televisão a funcionar.

Com franqueza, não atri a boca. Poderá ser que no futuro valha a pena ter em casa o aparelho; pelo que vi, francamente, achei q. o espectáculo oferecido fica m.º inferior ao valor do investimento e ao esforço dos que tentam aperfeiçoá-lo.

<sup>(1)</sup> Cf. pag. 423.

É possível que seja por deficiências na  
na, como é sempre costume. Esperamos,  
pois, que em Portugal a Televisão chegue ao  
ponto que deve chegar.

Lisboa:

Dezembro: 1

Dia festivo... Bandeiras desfraldadas...  
Etê. etê. Tudo com o cuidado de não melien-  
drar os nossos bons vizinhos espanhóis...  
Mas enfim, vá lá! ainda desfraldam ban-  
deiras e a rapaziada da chamada Mocidade  
vai deixar flores no monumento dos Restau-  
radores. Podia ser pior.

Ora isto vem a propósito dum caso in-  
gnificante há pouco dado na rua. Estava eu  
a ler pacatamente o jornal quando, de repen-  
te, lá de fora, vêm os acordes do Hino de Pri-  
meiro de Dezembro, tocado com certo arrega-  
nho. Cheguei á janela: eram dois cegos, um  
com escaertina (ou harmonio) outro com obá  
que desceiam a rua com passos vagarosos, quia  
do por uma mulher mais do que modestam.<sup>te</sup>  
vestida. Fiquei-me a olhar p.<sup>o</sup> o grupo e, con-  
fesso, comevi-me... Comevi-me porque?  
Não sei, mas fiquei enternecido a olhar pa-

ra o grupo. Patriotismo... não era, com cer-  
teza; seria porventura a intuição da inutili-  
dade daquela chamada musical é viração pa-  
triotica? Sei lá!... Seria por ver os pobres  
cegos no esforço de ganharem a vida?

Enfim, fosse o que fosse. Comovi-me, en-  
terneci-me — está é que é a verdade.

### Lista:

Dezembro: 5.

Encontrei-me hoje com o Laranjo Coe-  
lho que é quase risinho, quando saía de ca-  
sa. Muita festa para a festa, como quando nos  
encontramos e ele aproveitou a ocasião para  
me pedir uma deliberação junto do Dr. Pacheco  
de Amarim, como presid.<sup>na</sup> de O Instituto.

E na conversa veio o seguinte caso que  
merece ser servado:

Um dia, encontrando o Alfredo Dimenta,  
já há anos, este a propósito de estudos feitos  
por Laranjo Coelho acerca do Mauzinho de Sil-  
veira, seu patricio de Castelo de Vide, atirou-  
me com esta ameaça:

— Você ainda ha-de pagar esses leuô-  
res ao Mauzinho!... Deixe estar que ainda  
os ha-de pagar!...

O Laraujo é creatura pacata, por natureza medroso; confessou-me que perante a obijurgatória não encontrou resposta... E perguntando-me eu se a ameaça teve qualquer concretização, disse que não e acrescentou, não sem certo ar de rancôr encolhido por gesto de fraudura: *pas neglans el nequiterans* — Morreu antes... Não teve tempo...

Coimbra:

Dezembro: 31:

Estávamos no fim do ano. Que o leve o de monio... Desapareceram tres amigos: o Pires Monteiro, o Afonso Duarte e o Joaquim de Carvalho, fôra varios contrariedades e m.ºs abanquecimentos que me tocáram pela parte.

E para acrescentar, feitas as contas, verifico que, em todo o ano passei apenas metade na minha casa ou seja 184 dias. A outra metade foi dividida por Lisboa (107 dias) e pela Paz (74 dias).

E assim vou passando e gastando esta triste vida...

Que lhe hei-de eu fazer?

Mas já agora quero deixar aqui, antes de fechar de vêe o ano, duas curiosidades que re-

velam em tanto o momento actual. São as  
 realidades, e' certo, mas têm a sua época.  
 Uma delas é poesia feita por um aluno  
 de eu? Filha cujo nome não guardei; poesia  
 nos moldes modernos, feita quase espontanea-  
 mente, na balbúrdia dum dia de aulas, sem  
 pretensões de qualquer especie. Era pois ficar  
 inédita: mas não... (isto não)

Lista:

« A morte vem de quando eu vi  
 Bate uma, duas, tres...  
 Vezes tres... nove... Nove não faz nada...  
 Bate mais os meus B, raiz quadrada  
 De quatro AC sobre dois A.  
 Estás a ver, oh Pá?  
 A morte vem, não vem a ver?  
 Nunca a vê... ninguém a vê...  
 Tudo está cego.  
 Cego?... Isto cheira a eutrofino...  
 Pá o mariz!  
 Quando eu era pequerrinho  
 'acaleado de nascer  
 a cada esquina  
 eu via contrabandistas

de crianças e cocaína? ...  
 E bateu duas, ...  
 duas... 21x8 x 10 ...  
 tres... tres e meia...  
 O pino da minha aldeia toda assiu o glo

Coim 21780  
 Coim A U A D A P A M E

Coim... gente... Mas a ment...  
 Coim... Diz o velho Testamento...  
 E bateu quatro...  
 Cinco...  
 Seis...  
 Sete...  
 Teu volto já...  
 Teu volto já... teu é retrate.

E' perfeito exemplar de certo genero modern  
 mo; quem quer que seja o autor, rapaz novo,  
 ainda no liceu, mostra q. teu geito. Pais que  
 continue: e alem de tudo, teu graciosos no ab  
 A outra curiosidade e de ardeur diferen  
 te e teu pai que de politico. Testamento au  
 nento anunciado ao funcionalismo em que  
 uis acreditar outros nao.

Ora alguém de imaginação fértil organiza esta tabela de calcular o que, cada qual, virá a ter de aumento.

Vou explicar: é necessário partir da seguinte frase por baixo da qual se escrevem os algarismos de 1 a zero:

EM PAZ ARDUA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 ...

« A mente nem de quando em vez

1) Escolheu-se 3 letras seguidas e escrevem-se por baixo os respectivos números.

Por exemplo: de quatro letras seguidas de quatro PAZ

estão a ser 3 4 5

2) Invertam-se os algarismos: 5 4 3

3) Subtraia-se o número 345 deste último 543:

4) Invertam-se os algarismos do resultado, ou seja: 891

5) Some-se este num.º ao anterior: 891 + 198 = 1089

6) Multiplique-se o resultado por 2

$$1089 \times 2 = 2178$$

7) Multiplique-se este resultado por 10:

$$2178 \times 10 = 21780$$

8) Finalmente substitua estes algarismos pelas letras correspondentes da frase q. acima ficou:

21780

MERDA

E aqui está eu que se entretém muita gente... Mas a verd.<sup>de</sup> é que é necessário ter imaginação fértil para chegar a este resultado.

E com aquela palavra que resume o fecho aumento de resuscitados vai fechar o caso de 1858.

Conheço-o aí por 1913, era ele estudando não me recordo se do direito ou da literatura. O deputado Camargo afirmava que era um dos seus alunos, não só das letras, mas da República mesmo, altura ainda bastante jovem e tímido. Era ele, então, rapaz um tanto mais enfiado, resuscitado co-meidado, com olhos brilhantes de desvarão, muito calmo, sério, de um dos que falava.





...a respeito da...  
...a respeito da...  
...a respeito da...

1959

...a respeito da...  
...a respeito da...  
...a respeito da...

Coimbra: ...  
Janeiro: 1. ...

Para começar o meu livro tracei  
umas notas que lancei ao acaso e aos bocan-  
dos em quartos de papel de fora da carteira de Dr.  
Joaquim de Carvalho. Aquei ficou para leu-  
tura, minha e por dever para com o grau  
de professor.

«Conheci-o aí por 1915, era ele estudante  
de não me recorde se de direito ou já de le-  
tras. O suposto Carimiro apresentou-se  
meu uma das esperanças não só das Letras, co-  
mo da República nessa altura ainda bastan-  
te periclitante e tumultuosa. Era ele, então,  
rapaz um tudo nada enfiado, maneiras co-  
medidas, com olhar brilhante de observador,  
muito calmo, ouvindo mais do que falando.

« Lembra-me de que a primeira conversa foi longa, desde a Baixa até ao fundo da minha rua, conversa em que eu, com alguma loquacidade, me embrenei por assuntos históricos e o deixei assombrado com os meus métodos, os meus verbetes, a minha persistência na investigação, etc. etc. Estava ainda a vê-lo, ao fundo da rua, a servir-me, muito calado, com o olhar penetrante de curiosidade.

« Desse primeiro encontro, que ideia ficaria ele a fazer de mim? O certo é que mantivemos sempre boas relações embora nos encontrássemos pouco. Ele, absorvido nos seus trabalhos escolares não se mostrava muito e o tempo foi passando até que vieram as formaturas e a sua aspiração ao deu Verbo.

« Apesar de estarmos em regime republicano a verdade é que a Univ. de Coimbra continuava no velho regime monárquico. A República assim o quis: dando-lhe liberdade para governar sem ter refundido os seus quadros, fez com que o ingresso ao corpo docente fosse coado pelos filtros da S.ª Madre Igreja. E na Facult. de Letras a que o Joaquim de Car...

ualho aspirava, reinava como director e  
 quase dono, o Dr. Antonio Garcia Ribeiro de  
 Vasconcelos que a magnanimidade republica  
 na pôz á sua frente como organizador e seu  
 director.

« Não me lembro já bem deste periodo da  
 vida academica de Joaquim de Carvalho mas  
 teve suas dificuldades em actualisar as suas  
 peições da faculdade. Como estudante foi re-  
 publicano e pertenceu á Loja maçônica Re-  
 volta, salvo erro — e isso era conhecido e o su-  
 ficiente para opôr á entrada uma grave bar-  
 reira.

« Tenho ideia de que o Dr. Augusto Joaquim  
 Alves dos Santos o encaminhou favoravel-  
 e seria talvez dos raros a ser-lhe propicio.  
 Ha quem diga que o benejeira, seu condiscipu-  
 lo ou contemporaneo e que se lhe afeicou,  
 teve tambem peso na balança. Não sei. Es-  
 ses mistérios ficarão naturalmente ignora-  
 dos. Nesse periodo que foi o da primeira gran-  
 de guerra, a minha vida concentrou-se na pa-  
 zelada regional, nas manobras, nas lutas  
 politicas bem acêsas e não frequentava a Uni-  
 versidade onde poderia encontrar o já doutor  
 Carvalho e saber qualquer coisa.

«O tempo foi passando até que chegou o doutoramento em 1917, salvo erro, com a dissertação: Estudos de História da Filosofia Portuguesa. António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença. Volume I: António de Gouveia e Pedro Basso»<sup>(1)</sup> de que me ofereceu um exemplar; depois veio a nomeação para catedrático, com dispensa de concurso para o qual fizera a dissertação Leão Hebreu, Filósofo. (Para a história do platonismo no renascimento)<sup>(2)</sup> de que também me ofereceu um exemplar.

«Intensificaram-se, então, mais as nossas relações sempre afectuosas e bem que da minha parte não me esquecia de que ele tinha cabelo e barba — o que é, quase sempre, um fosso de certa largura. No entanto manda a verdade que se diga que ele nunca me fez sentir essa distancia e frequentava a m.<sup>a</sup> casa para conversar afora e contar, ás vezes, os seus projectos de mistura com revista aos meus livros e comentários bibliográficos.

(1) Coimbra, Imprensa da Universidade em 1916

(2) Idem, idem, em 1918.

« Depois, por morte do Dr. Teixeira de Carvalho, foi nomeado director da Imprensa da Universidade; e aí começou um activo periodo de vida em que juntamente com as lições na Faculdade, sempre primarosas, ia dando aos prelos uma série de obras de valor que re-edições de algumas raridades que tra-  
balhos de contemporâneos.

« Foi então que tentei lançar uma revista erudita, de História e Bibliografia; e para essa revista me convidou a colaborar com as Cartas do Infante D. Pedro á Câmara de Coimbra conferiu-me esulto no prefacio á 2.<sup>a</sup> edição das minhas. Devo-lhe essa distincão, tanto mais que a carta em que me convidou (e queouse) é extremamente lisonjeira. Confiou-me, até, o indice do 1.<sup>o</sup> volume que não se chegou a publicar, como também confiou-me; ainda mantenho esse indice em caixas para o juntar ao exemplar ultra-raro da revista, meus dias em q.<sup>ue</sup> me pedir com paciencia para isso.

« E como me considerou colaborador da sua obra de cultura, deu ordem na Imprensa para eu ter 20% de desconto nos livros que lá comprasse — o que me deu ensejo a adquirir algumas especies do meu agrado.

« A extinção da Imprensa foi um grande golpe pessoal, independentemente do prejuízo que daí veio para a cultura portuguesa. Ha quem queira atribuir o caso ao Alfredo Pimenta que não perdou ao Dr. Carvalho a publicação das Odes Modernas de Antero, dos estudos sobre a Referencia de Henriquez Nogueira e de outras obras que não estavam dentro do espirito da chamada Revolução Nacional e dentro, tambem, do espirito de intolerancia e malhadar do velho serrineiro.

« Algumas vezes ele, Dr. Carvalho, me citou e mostrou cartas de Pimenta sobre o assunto apesar de, para o acalmar, publicasse coisas de ~~to~~ dele, como publicou; mas o Alfredo Pimenta não era homem em quem a gratidão tivesse alicio. Além disso o Dr. Carvalho tinha, na politica, a sua situação definida como republicano, liberal e (especialmente nessa época) anti-fascista; com o pretexto de economias a Imprensa foi extinta; e até a primeira obra da cidade universitaria que se fez, foi precisamente a instalação de O Instituto nas ruínas do edificio onde ela funcionava, para se não poder, em caso de reviravolta, voltar ao mesmo sitio... O Dr. Joaquim de Carvalho lembrou-se muito. A Filosofia, parece, fê-lo

acomodar-se, metter-se a dormir, conforme as  
circunstancias exigiam.

« Cabe aqui talvez, nesta altura, um commen-  
tario acerca de certas fragueiras do grande pro-  
fessor que, como Homero, nunca vê ou outra  
dormitava. E vai sem maldade de qualquer  
especie.

« Deixei, e' certo, nestas memorias, num  
ponto ou outro, algumas referencias possi-  
velmente azêdas a seu respeito; não sei se o  
azedume seria de ruim, normalmente pre-  
disposto, perante qualquer desconfiança surti-  
da no meio das amarguras e desilusões da vi-  
da, a levar os juizos formados por caminho  
meu sempre justo. Quero crer agora, serene-  
mente, que na realidade eu não teria avalia-  
do com justiça o procedimento dele pois que,  
afinal de contas, fiquei para com ele, sem a me-  
nor duvida, com grande divida.

« Dizia-me ha tempos, não me lembro já  
quem, que os filosofos tem, em regra, caracter  
pouco firme; que a Filosofia, com todos os recur-  
sos de discussões e explicações, justifica sempre  
qualquer acto que no curso comum esteja  
fora da moral corrente. E' possível que assim  
seja.



« Os amigos e conhecidos reprovavam, por vêres, certas atitudes de condescendência para com os adversários, condescendência q. dava a impressão para uns de medo, para outros de culposa colaboração que se não podia dizer, evidentemente, nem conhecimento de causa. As transigências com o Alfredo Pinheiro, por ex.º, eram tomadas como processo de aplacar as iras do Terrível narrineiro, homem perigoso que poderia, como inimigo, causar-lhe serios prejuizos; demais a mais, o Dr. Carvalho, por essa altura, tinha em casa um neto ou oito filhos, em idades escolares que ~~se~~ ~~preservam~~ preservavam esmeradamente no seu magro arcamento e lhe prescreviam o espirito

« Um outro caso, por ex.º, é o da Crónica de Afonso Henriques de Duarte Galvão que o Dr. Carvalho pretendeu publicar pela Imprensa da Universidade com prefacio do Tomás de Figueira. Este, é claro, ataca a censura eclesiastica a respeito dos capitulos suprimidos na Crónica e trata do processo de canonização com a liberdade de linguagem que ele necessariamente usa quando tem de se referir á Igreja. O Dr. Carvalho teve recuo da publicação; a Crónica ficou impressa, mas á espera de oportunidade para

causa do prefácio... Com a extinção da Imprensa não sei o que fizeram á Crónica; mas o prefácio é que ficou na gazeta.

« Mais tarde, o Tomás ampliou-o e publicou-o em volume com o título de Dom Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade portuguesa (Coimbra, 1949).

« De facto, foi uma trapalheira.

« Parece o caso do Magalhães Vilhena é que se não explica do mesmo modo. A Faculdade de Letras rejeitou-o mas afirmou-se que resolve a proposta do Dr. Carvalho. Sendo verdade (como parece que é) não se explica tal procedimento para com um rapaz de muito valor que iria dar britho á Faculdade como professor e como democrata a serio. Ficou sem explicação pelo menos para mim.

« Quando o Magalhães Vilhena terminou o curso na Sorbonne e ali foi doutorado com a mais alta classificação, eu tive centos cólegas de um dia falar no caso ao Dr. Carvalho, fingindo ignorar o que se passára; recei, porém, magoa-lo e, na verdade, eu tinha por ele estima e respeito suficientes para o não beliscar mesmo em pouca coisa que fosse. E nada lhe disse acerca desse assunto.

«Muitas vezes, quando eu ia á Biblioteca da Universidade trabalhar, se ele lá estava no seu cubículo preferido, era certo ver conversar um bocadinho, passeiando ao longo das tres salas e, se era no verão, o passeio fazia-se no Pátio, do lado da pombura, desde o adro da Biblioteca até á Torre. E então entrava em confidencias, dava opiniões suas sobre problemas políticos que se levantavam, quer os internos, quer os internacionais — e a conversa era um prazer para mim.

«A sua fluencia, a maneira como ele via as coisas, nem sempre com positividade, as conclusões a que chegava tantas vezes estranhas, eram verdadeiramente um encanto. Eu dava sempre por bem empregado o tempo que me roubava ao meu trabalho; e ficava com a toada nos ouvidos por muitas horas, sentindo o poder da sua argumentação cheia de imprevistos.

«Lembra-me de que um dia, depois de eu concluir qualquer exposição e dar-lhe a minha opinião, terminei com a frase banal e muito usada:

— Isto, senhor Dr. Carvalho, parece-me logico...  
 — Isto, senhor Dr. Carvalho, parece-me logico...

«Ele sorriu - se e respondeu :

— Oh meu Amigo: Tome cuidado com a  
Lógica...

«E embrenhou - se em explicações de muito interesse para mim acerca do valor e das incongruências da Lógica.

«Não tenho, pois, direito a ofender a sua memória qualquer coisa desagradável; se, como Homero, dormitau uma vez por outra e me levou a deixar nestas paginas esta ou aquela referência mais ou menos azêda, tudo isso passou perante o vácuo deixado por sua morte - vácuo que me atinge, sem duvida, porque hoje estou convencido de que ele me estimava e me considerava.

«Foi ele que me publicou na Revista da Universidade o «Carnões e as "artes belicas,"» em 1943, espontaneamente, sem que, da minha parte, houvesse (nem poderia haver) qualquer sugestão por qualquer que fosse; e esta publicação seria para a restranção de cabelo e barba, por consequente um caso para censura. Anos depois, como creio ter contado nestas paginas, vem a publicação do trabalho sobre o Saldanha que occupou no vol.º 18.º da mesma Revista o melhor de 300 e tal paginas e que seria para

a dita questão, já não direi um caso para censura mas um verdadeiro escândalo. E como aconteceu com o Carnões, tudo se passou por espontânea e, desta vez, insistente cunvite.

«As Cartas do Infante D. Pedro e estes dois últimos trabalhos a que me refiro, são suficiente razão para eu lhe ficar sempre grato e reverer a sua memoria. Estou convencido de que nenhum outro director da Revista da Universidade faria o que ele fez.

«Quando foi do congresso, em 1940, de História da Activid. Científica Portuguesa, chamaram-me para o auxiliar em muitas coisas como na verdade o auxiliiei; em tudo quanto se referia ás actividades militares no campo cultural, fui eu o assistente de confiança. Devido ás suas solicitações amáveis fiz o Esboço da evolução das ideias militares em Portugal que ele aprovou com palavras amigáveis.<sup>(1)</sup>

«Uma vez por outra consultava-me em assuntos de bibliografia ou de história militar, co-

---

(1) A m.<sup>a</sup> intervenção neste congresso e o que se passou com o Dr. Carvalho, ficou esboçado com certa largueza no vol. destas memórias correspondente a 1937-1943. Ver no Índice, a pag. 438.

receder como era dos meus merletos biogra-  
ficos e ideograficos.

«Por tudo isto que aqui deixo, creio que posso  
dizer que as nossas relações eram verdadeira-  
mente amistosas; e hoje que recardo o conjun-  
to das mesmas relações, quero afirmar q. um  
ou outro passo azêdo que aqui ficaria escrito,  
viria mais de mim do que dele.

« Isto não é bem aquella protestação que os  
antigos autôres junham no final das suas obras  
com medo do Santo Officio; é um acto de con-  
sciencia que pratico e que deixo para ser avaliado  
por aquelles que me possam vir a ter. De certo  
que ao escrever mal humorado e cèptico via  
só o momento que passava; agora que estô  
a abraçar o conjunto de perto de 50 annos quero  
fazer a devida justiça.

«Fiquei devedor, e muito.

«Quando, nos começos de Outubro ultimo  
o Artur Braga me escreveu para Lisboa uma  
carta em que me dizia ter visitado o Dr. Carva-  
lho na Casa de Saude do filho e acrescentava:  
«segundo me informau confidencialemente o fi-  
"lho Joaquim (o escritor) aquilo deve ser um ca-  
"po arremado, infelizmente. Trata-se de uma  
"pleuresia de caracter canceroso. O Dr. Carva-

"tho ignora, no entanto, o seu estado» — a notícia impressionou-me muito.

«Pecava, pois, para breve o descalço que, na verdade, se não fez esperar; não o cheguei a ver nos últimos tempos, mas sabia que ele conservava a lucidez da sua intelligencia penetrante e mantinha os seus projectos como se estivesse esente de qualquer doença ligeira.

«Todos que o visitavam vinham impressionados com essa resistência e com a preocupação de levar a cabo esses projectos para os quais seriam necessários alguns annos de trabalho. E na verdade as obras projectadas sobre o nosso Liberalismo e sobre a marcha das ideias em Portugal, quero crer que não haverá, neste momento, quem as faça. Pigmegos, ha muitos por aí; intelligencias de penetração e acuidade como a do Dr. Carvalho, ~~mas~~ de certo não andam aos pontapéis por esse Portugal fóra, a pairar alto, livres de preconceitos.

«Foi verdadeiramente uma perda nacional.

«A actual situação politica, pareceu, quase ignorou o seu desaparecimento. E muito me admirei até de que, sendo o seu enterro ci-

vil, tivesse a comparecencia de certos juizes  
universitarios e politicos.

« Faltem-lhes, de certo, a coragem para  
faltarem á cerimonia.

« E' assim o Mundo. »

Coimbra:

Fever.º : 7.

Estive hoje á casa de D. Maria Isa-  
bel Nogueira Lobo de Alarcão e Silva, mulher  
do medico Joao de Alarcão e Silva e filha do  
velho amigo ha muito falecido Dr. Alberto No-  
gueira Lobo. Não sei como, nem á quem  
na a situação politica e o divorcio deste com  
a Igreja Catolica. Sei que se puxasse a po-  
letra para esse lado, a D. M.ª Isabel desatou  
a censurar o Salazar pela sua intransigen-  
cia perante a opinião publica, perante a opi-  
nião dos bispos e até perante discordancias  
internacionais. E com certo espanto me  
teve esta frase que é automática:

— E' necessario mudar... E' necessario  
mudar... Isto não pode continuar assim...

Ora é bom explicar que esta reunião fa-  
tauda assim, reproduz a opinião da chama-  
da Decão Catolica de que ela é, nos agrupa-



mentos femininos, elemento de valor. Na  
verã. o divorcio é manifesto mais de que eu  
me admiraí foi da fraqueza com que se fe-  
la, nele e no repudio do homem instauravel,  
quase nos altares, até ha pouco considerado in-  
substituível.

É a historia de sempre...

Coimbra:

Fever.º : 26.

Reuni hoje na Cooperativa M.<sup>as</sup> os ju-  
cos socios que ha em Coimbra da Socied.<sup>a</sup> His-  
torica da Independ.<sup>a</sup> de Portugal, velha agremia-  
ção patriótica que ultimam.<sup>te</sup> é simples arma-  
mento patrioteiro cu.<sup>to</sup> chegado á actual situa-  
ção politica.

O car.<sup>al</sup> Paul Verdades de Oliv.<sup>a</sup> Miranda era  
o representante da socied.<sup>a</sup> e apresentou uma  
lista de socios; ultimam.<sup>te</sup>, não sei por-  
quê, demittiu-se e o actual presid.<sup>te</sup> o brigad.  
Abel Santo-Maior escreveu-me, no verã,  
solicitando a m.<sup>a</sup> interferencia p.<sup>a</sup> reorganiza-  
ção da delegação, etc. etc.

Com o meu mau feitio de não gostar de  
dizer q. não, especialm.<sup>te</sup>, como agora, a um  
companh.<sup>o</sup> do generalato que sempre foi para

comigo m.<sup>to</sup> amavel e correcto, respondi q.  
quando regressasse a Coimbra seria o que se  
poderia fazer.

O Verdades de Miranda entregou-me a  
papelada e eu vi que havia apenas uns oito  
socios que hoje compareceram amavelm.<sup>te</sup>.  
Trocaram-se impressões e cada qual ficou de  
arranjar pelo menos um socio para que a de-  
legação possa organizar-se.

E eu fiquei convencido de que se não se  
garrizo — o que para mim é excelente. Na  
verd. não faz m.<sup>to</sup> sentido que eu venha a ser  
presidente duma socied.<sup>e</sup> patriótica, de mais a  
mais situacionista.

E eu que eu me deixei cair...

Coimbra:

Março: 28.

Pensei, um dia, em ver a opinião dos  
criticos da revista Vertice a respeito do meu  
desgraçado Saldanha; pensei que seria  
interessante ver o que a tal respeito diriam  
os rapazes da moderna geração. E um dia  
virei-me dos meus cuidados e falei nisso ao  
Mario Barapa que é o hoje o director, de facto,  
da revista. Este rapaz que me trata muito

leu e diz q. gosta de conversar comigo, acell  
 Vou a m.<sup>a</sup> lembrança e nesta conformidade  
 entreguei os dois exemplares da praxe em ju-  
 nho de 1857 — ha quase dois annos.

Quando recebia os fasciculos mensais da  
 revista, ia ver, com certa curiosid.<sup>e</sup>, a secção  
 da bibliographia e... nada! Concluí que os ra-  
 pazes embatucáram e não sabiam como sair  
 do embarço. Encontrando o gerente da re-  
 vista perguntei-lhe se os exemplares se teriam  
 perdido; explicou-me ele que, de facto, não  
 se atreveram á critica e arranjáram um ca-  
 pitão, que ele não sabia quem era, para dar a  
 noticia bibliographica. Eu apenas respondi:

— Um capitão?... Estão arranjado...

Fiquei aborrecido. O que eu queria era a  
 opinião dos rapazes novos, haueus de letras,  
 com ideias modernas; gostava de saber a reac-  
 ção deles perante o catharnço que escrevi e  
 afinal o catharnço foi parar ás mãos de um  
 tropa que... heura lhe seja!... não deve per-  
 ceber nada do assunto.

Ora meu dito, meu feito. Receli hoje o  
 n.<sup>o</sup> 184-185 da Verbice, correspond.<sup>te</sup> a Janeiro-  
 Fevereiro deste anno e lá vi, a pag. 62-63, as-  
 sinada por Sousa Miquel, quase duas colu-

mas de critica. Não ha duvida: o Sousa  
Miguel, que eu não sei quem é, não tem o  
cathartico eu, se o tem, não percebeu o que  
lá estava. Logo de entrada diz que eu escrevi  
uma biografia... o que dá a entender que  
o homem não sabe o que é uma biografia.  
Depois faz certos comentarios entre eles o re-  
lativo ao sistema de guerra que mostra não  
conhecer o que isto é. E de maneira geral  
fiquei com a impressão de que me trata de  
alto e que, por m.<sup>to</sup> favor, desceu a comentar  
obra dum pobre diabo.

E mais nada.

E isto ficou a mimho melidade de que-  
rer ouvir a opiniao de homens de letras.

Coimbra:

Abril: 30

Neste mês que agora acaba desapare-  
ceram 3 homens a que me tinham dife-  
rentes relações: o dr. José Cardoso, do Fajal,  
no conc.<sup>o</sup> da Bauprihora da Serra; o bom Pedro  
de Moura e Sá e o capitão reformado Anto-  
nio José de Campos Bezó. Tres creaturas m.<sup>to</sup>  
diferentes mas aos quais me tinham es-  
tima e alguma amizade.

O Dr. José Cardoso, velho republicano, é, pode dizer-se, meu amigo dos tempos da propagação, anteriores, por causa da guerra, a 1810; era então rapaz cheio de vida e de vontade firme, resoluto, como quem estava decidido a conquistar lugar ao sol. Gostava dele e a verdade é que ficou, desde então, meu amigo e, quando me via dizer a terceiros nas pessoas, meu admirador.

Não sei bem em que se fundava a sua admiração, mas o certo é que por vezes me chegam notícias de referências que me fazia de evidente exagero. Frequitava então muito esta minha casa; gostava de se sentar num cadeirão à "voltaire", que ali tenho, e conversava tapado<sup>te</sup>, expunha as suas ambições com certa franqueza simpática, ás vezes, até, um pouco rudemente.

Mas era um péssimo. Homem das pernas, espadado, forte; barba negra e espessa, respirava força e optimismo. Não parecia de grande inteligência, talvez; a cultura geral não iria por aí além; mas era homem equilibrado, bondoso, tolerante, incapaz de uma traição como tantos dos seus contemporâneos.

Muitas vezes, em conversas, me incitava a deixar o meu recolhimento, a sair ao ar livre, a brincar-me á tuta... Eu ria-me e dizia-lhe que sim, que ia pensar...

Em 1921, quando se deu o movimento sedicioso conhecido pelo "19 de Outubro", as comunicações com Lisboa foram cortadas e não havia, por consequencia, notícias. Era ele, então, Governador Civil e ainda o estão a ver, desalentado e ao mesmo tempo irritado com o facto que se sabia a seguir á morte de Antonio Graça. Num conferencia que tive com o general da Divisão que então era o Simas Machado, este mostrou vontade de mandar secretamente um official a Lx<sup>a</sup>, saber o que havia de positivo, mas não o fazia porque como aqui estava há pouco não sabia quem poderia chamar p.<sup>o</sup> tal diligencia. O José Cardoso não hesitou: disse-me que me chamasse, que o caso ficava entre nós. E assim foi que fui chamado ao Quartel-general e mandado no caminho da noite, á paisagem, com a tarde numa meleta, como explorador... Má diligencia, com me lembro, cheia de interrogações perigosas; e lá fui e lá voltei sem novidade de importancia como contarei noutra parte.

Era, na verd.<sup>de</sup>, sincero amigo e agora, pensando em pouco, sinto que ultimamente fui um tanto eu quanto ingrato com ele. Devia procurar-lo quando ia a Lx.<sup>a</sup>, conversar um ou outro mês, dar-lhe a satisfação da mi.<sup>a</sup> presença. Mas os meus retratamentos, o receio, muitas vezes, de parecer importuno...

Enfim, o bom do José Cardoso morreu sem que eu ho alguns anos o visse; e confesso que com o pesar sentido pela sua morte me abalaram alguns remorsos.

Que fazer? Nem sempre consigo vencer-me; só depois é que vem o arrependimento.

O outro desaparecido foi o Pedro de Moura e Sá. A sua morte inesperada, pois morreu subitamente em consequencia do colapso cardiaco, causou certa impressão, e auxiliado pelos artigos na imprensa que o elevam a alturas possivelmente exageradas.

Era rapaz inteligente, m.<sup>to</sup> estudioso, trabalhador e probo, sem dúvida, cultura de certa amplitude; mas tenho a impressão de que a áurea que o cercou era em parte devida á situação que criou nos meios reacionarios e nos da politica actual.

Pode ser que esteja em erro; mas eu conheci-o desde garotinho, agarrado sempre ao pai que era o meu primeiro admirador, a viver num ambiente de beatismo e m.<sup>to</sup> conservador em politica, a ler tudo que vinha á mão sem qualquer ordem ou método, influenciado fortemente por elementos integralistas e povões. Formado em direito, não sei quem o levou p.<sup>o</sup> Lisboa e o meteu na Emissora Nacional; ali, como caiu numa ródia de frasco nivel intelectual, foi tomado como creatura superior, cumprindo aquelle ditado de na terra dos cegos é rei quem tem um olho. A sua fortuna está na feita. Os editores, as livrarias, acariunharam-no; a recção que elle dirigia de bibliographia critica, tornou-o um potentado.

Refrão: pode ser que esteja em erro, que esteja a calumniar o bondoso (porque era, na realid.<sup>e</sup>, bondoso) Moura e Sá; mas estou convencido de que foi esta a trajetória seguida por aquelle raparinho que conheci ha uns 40 annos, cheio de curiosidades, avido de leituras sem tom nem rom e que depois em homenagem se manteve sempre com apparencia modesta, ás vezes até acanhado.



Ultimamente pouco conversava com ele; uma vez por outra encontrava-o em Lx. e mais raramente em Coimbra onde vinha tratar de assuntos particulares; era sempre o mesmo afectuoso amigo, afável, delicado, sem deixar de lembrar os tempos recuados em que se lhe dava conselhos — mas deixava-me a impressão de que alguma coisa turbava o afluente, qualquer desordem ambiental ou, como rapidamente me viria a dizer, uma possível incapacidade viril. Fosse como fosse, ele apresentava um vencido, sempre com um tom de tristeza esquivo que contrastava com a posição que se poderia chamar dominadora que adquiriu.

Enfim, segredos que se não desvendam nem realçam desvendam-se. Já aqui falei dele, em tempos, a propósito de qualquer incidente<sup>(1)</sup>. Agora, estas linhas são apenas leve lembrança desse bom rapaz, bondoso e afectuoso, que realizou o paradoxo de, vencendo na vida como vencedor, dar a impressão de um autêntico vencido.

---

(1) Em 6 de Maio de 1955, a pag. 194-196 do vol. destas memórias correspondente aos anos de 1954-1955.

O terceiro desaparecido a que me referi é o capitão reformado Ant.º José de Campos Bez. Era 1.º sargento quando em 1915 eu fui colocado no regimento 23, ao regressar de Lagos e calhou ser ele o sargento q. respondia pela m.º escriptoria.

Conheci-o então, correcto, sempre muito trabalhador e atento; curioso de saber, lia muito, lia a torto e a direito e vinha já nessa altura certas fumaças de escriptar ou, talvez melhor, de jornalista. Era bom rapaz, delicado e serio; casara ha pouco com uma polbrinha do Floro Henriques, uma moçama de olhos negros, muito inquietos, que uma vez por outra apparecia no quarto de escriptação a alegrar o ambiente prosaico e banal.

Eu procurei orientá-lo nas leituras, dava-lhe conselhos e ensinava-lhe coisas; ele ouvia respeitosa<sup>te</sup> mas dava-me a impressão de que se julgava superior a todas as minhas bem intencionadas diligencias. No entretanto ia avindo e de certo nada perdeu com isso.

Desde então ficámos amigos e eu interessava-me sempre por ele; recuou a nosa intervenção na guerra e o Campos Bez.

go, levado pelo entusiasmo que ataceu muitos militares, lá foi para Moçambique numa expedição e por lá passou muitos máos bocados — entre os quais a morte do irmão, rapaz miliciano que ele quase arrastara para destinos gloriosos.

O Campos Negro tinha um pouco de idealista e imbuira-se nas leituras das crónicas dos nossos feitos no Oriente; muitas vezes lhe dei para baixo na ilusão desse passado glorioso, mas ele não aceitava o meu ponto de vista que, provavelmente no seu íntimo classificaria de anti-patriótico. A volta de Africa tinha um tanto ou quanto desituidado; era então alferes e esteve algum tempo em Lisboa na Guarda Republicana — até que voltou a Coimbra onde creio se conservou o resto da vida.

Dedicou-se ao jornalismo, escreveu pelos colonos, fundou jornais, metia-se em empresas, era homem de actividade e de trabalho; mas sempre na base de toda a acção havia a falta que lhe notara quando foi meu 1.º sargento: não tinha método, era quase tumultuario e, com a idade, tornou-se muito pessoal, não admittia muito

teve a interferência dos outros magistros que  
sufrecedia. E por isso teve várias desinte-  
lipências com amigos e vários abarreci-  
mentos escurados.

Por fim, a cegueira atacou-o e atornou-  
vou-o; começou a cair naturalmente e nos  
últimos dois anos era a sombra do que foi.  
Se vinha á rua era pelo braço da esposa, já  
também embebecida, sem a inquietação no  
olhar de 1915; dizia-se desarrimado, incapaz  
de qualquer esforço e ao falar mostrava, sem  
querer, um raso espirito de revolta.

Enfim, morreu creio que depois de dias  
de sofrimento; não o fui ver quando tive  
conhecim.<sup>to</sup> da gravid.<sup>de</sup> do seu estado e hoje  
sinto alguns remorsos.

Mas que lhe hei-de fazer? Não posso  
fugir aquilo que sou.

E para terminar com o mês, devo dei-  
xar aqui uma rectificação a certo juizo dei-  
xado nestas memórias há já algum tempo,<sup>(1)</sup>  
a respeito do professor Silvio Lima. Talan-  
do há dias com o Francisco Carlos de Paiva

<sup>(1)</sup> Vol. de 1948-1951 a pag. 138-143.

na Bibliotheca da Universidade, veio á conversar  
 sa o caso de não abrirse concurso para a ca-  
 deira a que o Silveira pôde concorrer apesar  
 de estar na lista e este ter requerido  
 nos termos legais e insistido perante o «ma-  
 gnifico reitor.»

Eu então disse-lhe que me admirava do  
 facto desde que o Silveira se convertera e se ada-  
 ptara ás circumstancias actuaes. O Paiva lo-  
 go, com certa hesitação, protestou: que não,  
 que o Dr. Silveira se não convertera, que ainda  
 era o mesmo, que fora calunia o que se disse-  
 ra quando o reintegraram no ensino, etc. etc.

Eu fiquei um tanto surpreso  
 pois, enfim, ouvi com certo agrado as afirma-  
 ções do Paiva; e aqui as deixo lealmente fi-  
 os devidos efeitos. Seria assim?

Antes fosse. Oxalá que assim fosse.

Dedicou-me ao jornalismo, e em  
 julho de 1884

Coimbra: Maio: 6

Hoje tenho uma calçada de noticias p.  
 registrar. E das boas.

Viveu de uma conversa com o Dr. Mario  
 Trincão que hoje fui consultar. As consul-  
 tas com este velho amigo dão sempre um

peço de cavagqueira a seguir ás observações  
clínicas; e, como é natural, o assunto é a  
política do momento.

Ora bem: uma das notícias é que o Dr.  
Augusto Vaz Serra, seu amigo e sócio no  
consultório, esteve no mês passado em qual  
quer reunião de «altas individualidades»  
da Acção Católica em que foi discutida e  
afreçada a divergencia conhecida entre a  
Igreja e o illustre Salazar; nessa reunião  
foi apresentada a hipótese duma retirada  
forçada do poder do Salazar e a subida ao  
poder dum ministério puramente paído da  
Acção Católica apoiado pelo exercito. Eu co-  
mentei que a mudança não traria benefícios  
e, quem sabe, se não seria pior...

Depois a conversa caiu na proxima co-  
memoração da chamada «revolução nacio-  
nal» e o Dr. Trincão revelou-me que o Dr.  
Maximino Carreira quiz celebrar a data com  
a imposição do capelo honoris causa em to-  
das as faculdades ao Salazar bem como a  
aprovação do título de «Protector da Univer-  
sidade.» Nas facultades a lembrança evocou  
seu protestos, principalmente na de Medicina  
e na de Direito; e quanto ao título de Protec-

tor, a celebração foi maior porque alguns professores acusaram o Salazar de prejudicar a Universidade e lhe não dar a consideração que devia dar. Foi, enfim, uma quase exaltação do grande homem feita por professores situacionistas e monárquicos.

Que conclusão tirar?

O Maximino, parece, não se conformou e para fazer alguma coisa mandou ir na Via Ladina, ao fundo do escadaria q. vai para a reitoria, uma grande lapide com louvores ao Patrão e á situação politica q. vivamos ha trinta e tres annos. O Dr. Trincão classificou o caso de «ignobil...»

Coimbra:

Mais: 9.

Foi hoje, finalmente, aberta e inaugurada solenemente na Faculd. de Letras, a Sala Ferreira Lima. Está, pois, arrumada definitivamente a garretteira daquele bom e sempre lembrado amigo em casa adequada e condigna.

O acto não teve grande repercussão; veio o ministro, vieram muitas pessoas de Lisboa amigas do Ferreira Lima, represen-





Up to mention  
entre p- 220-221

22

tares da familia, alguns professores com  
pareceram e mais dizia de curisos. Foi tu  
do simples mas houve certa dignidade.

O Costa Pimpão ~~era~~ leu uma peque-  
na discursata em que historia a vida da  
preciosa biblioteca, chamando a si a gloria  
do triumpho; teve uma tipica frase, ao  
meio, em q. citava o meu nome como de  
quem patria alguma coisa sobre o assun-  
to — e mais nada. E' claro que estava  
dentro da razão: um professor de capela e  
borda não podia associar em empresa de  
tal nullo, um polve diabo dum tropa, de  
mais e mais reformado.

E' possivel, se estiver disposto a isso, que  
um dia diga qualquer coisa. Ver-se-ha.

Por agora fica aqui apenas esta noticia,  
uma fotografia do momento em que ficou  
descerrado o busto do Ferreira Lima e, no  
fim do volume, por curiosid., o convite re-  
cebido. E mais nada.

... Ah! esquecia-me:

Quando o ministro Leite Pinto percorria  
os armarios envidracados em que ficaram  
guardados as varias preciosidades garnet.  
Vianas, ao deparar com as cartas que o Pa-

Va escreveu á viscondessa da Luz, o rei-  
tor, Maximino Correia, que o acompanhava,  
teve este comentário: *em alguns ab*

— A publicação destas cartas foi o  
pior serviço que prestaram a Garrett...

O ministro que me pareceu olhar p.  
tudo aquilo como foi para palácio e se mos-  
trava visivelmente "chateado" (para usar  
de termo moderno...) fez apenas um lipi-  
no sinal de cabeça, sem significação.

E agora... pronto.

Coimbra:

Mais: 19.

Ante-ontem inauguração da estatua de  
Christo-rei na margem sul do Tejo.

Quer pelos jornais quer por testemu-  
nhas oculares com quem falei, vê-se que  
o acto foi uma grandiosa manifestação ul-  
tramontana. A Reação (com maiuscula)  
deve estar satisfeita.

O Presidente assistiu ajoelhado e com  
livro de missa na mão; uma pomba do-  
mesticada da S.<sup>a</sup> de Fátima veio posar ao  
pé dele, arruando... Que mais era ne-  
cessario para o grandioso triumpho?

É o cardeal Benejira, exultante, de-  
clarou que se pudesse escolher o momento  
de morrer, escolheria aquele... Martiria,  
na verid. em plena gloria.

Coimbra: ...

Junho: 2.

Veiu ai hoje o dr. Jairme Lopes Dias a  
convite da Socied. de Defesa e Propaganda de  
Coimbra fazer uma conferencia.

O Fernandes Martins quiz recebe-lo  
com certa cerimonia e convidou-me para  
fazer parte do sequito; jaubamos num res-  
taurante alem da ponte e acompanhamo-  
lo á Camara onde a conferencia foi feita  
com certa polem.

A conferencia nao deixou de ser in-  
teressante, mas, verdadeirame<sup>te</sup>, cheia de  
topicos comuns. Louvões a Coimbra,  
Louvões ás Beiras, o cantico tradicional  
á beira da regiao, etc. etc.

O Fernandes Martins exulta com es-  
tas coisas, larga discursatas por lá cá  
aquela palha e assim se vai convencen-  
do do grande papel de presid. da Socied.  
de Defesa e Propaganda, capaz de revo-

ver montanhas de indiferença e comodis-  
mos próprias dos comimerceuses. Sentir-  
se feliz com isso e ... bem haja!

Não conhecia o Jaime Lopes Dias per-  
soalmente; ele dirigiu-se-me logo que  
me viu, affectuosamente, dizendo que me  
conhecia m.<sup>to</sup> bem desde <sup>seus</sup> tempos de es-  
tudiante, que tem seguido a m.<sup>ta</sup> vida com  
interesse e lido muitos dos meus traba-  
lhos, etc. etc. Creio que é homem serio e  
velho republicano se bem que, nesta situa-  
ção politica, se veja obrigado a certas ac-  
comodações que, alias, lhe não desfiguram  
o caracter.

Na conferencia citei uma vez o dr.  
Ant.<sup>o</sup> José de Almeida e outra o Jaime Car-  
terão — o que na assistencia causou cer-  
ta admiração.

Que tempos estes em q. uma referencia  
em publico ao dr. Ant.<sup>o</sup> José de Almeida e ao  
Carterão causa admiração e surpresa! Em  
que tempos vivemos oh Supremo Arqui-  
lecto, que não tens á mão um raio forte  
que arraze toda esta cana quejola!

... mas nada de brincadeiras.

Coimbra:

Junho: 13.

Dia do milagre de S.<sup>to</sup> António... Há 20  
anos certos, o notável taumaturgo não  
quize fazer o milagre de me deixar passar  
na prova final para o generalato. Se não  
fosse o prejuizo pecuniario que o facto me  
acarretou, diria que o santo fez muito e  
muito bem. Prejuizo moral... não me  
afoguentou: a honra de ser brigadeiro ou  
general era juramente facécia. Acomoda-  
dar com toda a casta de insignificantes e de  
marotos não tirava meu punho para a mi-  
nha satisfação.

Adiante.

É mais uma prova de que o santo pa-  
duano me votou ao esquecimento e' que com-  
prei a cautela n.<sup>o</sup> 30178 da lotaria que lhe  
era dedicada e... nada! O numero ficou  
na grande esfera, escondido.

Há m.<sup>to</sup> que andava mais ou menos de-  
cidido a deixar de jogar; a parte não que-  
ria nada comigo, desde ha muito, desde o  
dia em que pensei que a lotaria me pote-  
ria dar, um ou outro prêmio,  
que se visse. Cheguei a fazer, desde Maio

de 1948 uma conta-corrente e, por ver o aumento de prejuizo, resolvi, ha pouco e definitivamente, deixar de conservar cautelas. Como já se me aproximava o dia 13 deste mês, calculei que, passados vinte e seis annos certos, o Taumatopo teria certo tempo ao meu me abandonar; comparei a cautela n.º 30178 na doce esperança de um arrependimento...

Mas não: S.º Antonio manteve a recusa, o n.º saiu branco e eu... deixei de jogar. Fechei a conta-corrente com um saldo contra de 996,00 escudos — o que dá a despesa annual de 90,55 ou seja a despesa mensal de 7,55. E rasguei a conta-corrente e não penso mais no caso.

E assim me vipei do Taumatopo com grande vantagem f.ª a minha economia domestica. Ele não se dá nada com a minha riqueza, certamente; é capaz de se rir de ~~se rir~~ mim e, ainda por cima, chamar-me parvo. Mas acabou-se, fiquei satisfeito; e nas minhas contas passo a ver com satisfação que ha uma despesa a menos o que corresponde a uma receita a mais...

Coimbra:

Junho: 18

Lezio já ter aqui dito que a filha do meu condiscipulo Saturno Dires se lembrou de escrever um artigo acerca da Legião Portuguesa ao serviço do Napoleão e me mandou f.<sup>o</sup> eu ver e emendar.

Ela sempre respondi indicando mais livros que seria conveniente ler para dar ao artigo uma feição mais completa. Ela leu o que indiquei, fez algumas alterações e de novo me mandou as papinas dactilografadas em que deixou o artigozinho.

Leis o que respondi hoje, devolvendo o trabalho: depois de explicações de mera cozezia, escrevi:

« Li com atenção, duas vezes, o artigo de U... ampliado como meperi ha sempre. Lezio que a m.<sup>a</sup> sugestão só o beneficiou pois não faria grande sentido que se não evocasse, por ex.<sup>o</sup>, o episodio de Wagram, um dos mais patentes ~~eventos~~ na historia da Legião e que U... muito bem evocou. Fica assim o artigo mais equilibrado e, digamos, mais justiciero. A histo.



ria da Legião é, na mosse hist.<sup>a</sup> militar, um capítulo restrito, é certo, mas mais digno de ser estudado de que muitos outros que têm custado bastante tinta e papel. É possível que ainda domine o preconceito de anti-patriotismo que levou, no tempo, a condenação dos seus componentes — quando afinal a verdadeira história creio que nada tem com isso. — Como V... pede e me honra com a aceitação das minhas emendas, torno a libert.<sup>a</sup> de remeter, inclusa, uma nota com o que me pareceu digno de reparo.<sup>(1)</sup> É devo acrescentar que pouco me pareceu digno disso. Terei já ter dito q. V... tem uma maneira de escrever fácil, viva, um tanto nervosa, que agrada e lembra a gross do Pai de V... Os reparos que fiz não juram<sup>te</sup> da ordem de simples "gathas". — As grammas não deixam de ter interesse; um dos de rechos (o do sold.<sup>o</sup> de Cavalaria) é inferior mas creio não se verponhar; o outro, assinado por Abramo (salvo erro) é curioso. — Quanto ao final do arbiço... Porque é que

---

(1) As emendas eram de simples gaticismos bem escusados, ou má construção de frase.

não ha. de ficar como V... o escreveu?  
 Uma afirmação de principios é sempre dig-  
 na e real vai quem os encobre por moti-  
 vos interesseiros. Como velho republicano;  
 parece-me poder dizer a V... que as afirma-  
 ções de fé monarchica, sinceras e desinteres-  
 adas merecem-me a maior consideração  
 e respeito. É o caso de V... e digo-o sem  
 qualquer constrangimento. E essas afir-  
 mações de tradicionalismo parece-me que  
 não ficam real nem arbiço em que se aval-  
 ta uma tradição militar de prestyio. E com  
 isto, m.ª Senhora, apresento os meus respei-  
 tos, etc. etc.»

Final, no fim de contas, lérias... A  
 creatura é simpatica e bastante intelligen-  
 te; veio ao meu encontro com sincerida-  
 de; que lhe hei-de fazer?

Coimbra:

Junho: 26

Estive hoje em casa do Salvador Din-  
 ho da Franca com quem conversei larga-  
 mente. Entre os assuntos que saltaram na  
 palestra, veio, como era natural, o da poli-

fica actual. E o Pinto de França contou que, ainda há pouco, estando em Lisboa e visitando o Sr. Soares Lopes que foi presidente da Republica, este confessára que pensou, mais de uma vez, nos termos da Constituição, correr com o Salazar e chamar nova gente para acabar com este tico seu pai. Não o faria, porém, sem se assegurar de apoio indispensavel e a verd. é que não encontrou esse apoio, teve de deixar correr o tempo f. ver se quaizer circumstancias o ajudariam. Infelizmente essas circumstancias não surgiram.

Aqui fica o Sr. o Salvador Pinto de França que me contou; as conclusões que me vier a ler isto que as tire.

Coimbra:

Julho: 14.

Receti hoje um exemplar de A Voz em 9.º vem, na sua pagina literaria, o artigo de J. de S. Pires acerca da Legião Portuguesa ao serv.º de Napoleão. E vem tambem uma curiosa carta, amabilissima, com agradecimentos. Tudo fica guardado nos devidos lugares.

Coimbra:

Julho: 17.

Fui hoje a Miranda do C.º registar o meu testamento cerrado. Ha m.<sup>to</sup> que anda na casa vontade de deixar certas disposições em especial ao enterro civil — ultima affirmação da m.<sup>a</sup> intransigencia com o clero catolico; tambem queria deixar recomendações acerca da m.<sup>a</sup> papelada e dos meus livros. Calhou hoje, sexta-feira, dia azado para acrescentar a varios outros da minha vida. E lá fui.

O Carlos Batalhão, o notario, esperava-me, levou-me a almoçar a sua casa e foi com prazer que estive umas duas horas, pouco mais ou menos, nem tar que me pareceu feliz, acohedôr sem preoccupações e cerimoniaes; foi na merid.<sup>a</sup> com prazer que me senti rodeado de amizade simples não só do dono da casa mas da esposa, reunido afaivel, de modos francos, sem qualquer affectação — como raram.<sup>te</sup> hoje se encontra.

Enfim, foi uma "evasão", como hoje se usa dizer que depois, mais f.<sup>a</sup> a tarde, foi completada com a subida ao adro da Igreja. E então, lá em cima, os meus olhos enche-

nam-se do espectáculo do vale e da serra,  
 mas sem que umas lagrimas furtivas vies-  
 sem toldar a nitidez da paisagem. Uma li-  
 geira neblina fazia patieutar os contornos da  
 serra; e a verdura do vale, quer das cul-  
 turas quer do arvoredos, dava o necessario  
 contraste para tornar o vasto ambiente em  
 motivos de arrebatamento sentimental...

Basta de affectação feias. O Testam.<sup>to</sup>  
 lá ficou feito melhor se pizer e eu fiquei  
 com a consciencia mais tranquila...

Paz (Maça):  
 Julho: 24.

Aguei estau, desde ontem á tarde. Lá me  
 arrastei de Coimbra, contrariado, abarrecido,  
 até este deserto de palcos.

Será para bem? O meu espirito ainda  
 tão sobresaltado que tudo me aparece toldado  
 e duvidoso. Ver-se-ha o que meu, o que o  
 futuro ainda me poderá reservar...

Paz (Maça):  
 Julho: 29.

Estave hoje em Maça o imperador de  
 Etiopia, Haile Salassie. Pensei em ir vê-

to de vento, durante a festa hifnica que lhe  
 ofereceram no campo de obstáculos do Centro  
de Instruções; queria ter a sensação de estar  
 ao pé dum descendente do Prestes João, perto  
 de Salomão e da rainha de Sabá e Axum...

Mas a manhã appareceu carregada de nu-  
 veiro deus; havia fresco e humido e, fra-  
 camente, não me arrisquei a contrair uma  
 tussigite a troco daquela sensação meram.<sup>te</sup>  
 sentimental.

Não fui. Fiquei aqui, eu caso, a ouvir  
 o bombardeio e tiros de uns exercicios que  
 fizeram na Tapada em honra do homem, pa-  
 ra que se visse que nós, portugueses, que des-  
 cobrimos mundos, que mandámos d. Luis  
 Novas da Gama libertar a Alessiria no seculo  
 16.<sup>o</sup>, que fizemos trinta por uma linha no len-  
 guico Oriente, ainda sabemos dar tiros e  
 disparar bombardas... A fumoceira que  
 daqui se via, a colheir os finhais da encosta  
 do Juncal, mostrava bem o valor do exerci-  
 cio; o vento norte atirava os rolos de fumo  
 para o sul e o som das explosões ecoava  
 pelas encostas.

Resumo: Carulho e fumarada.

Paz : Mafra

Agosto : 15.

Costumo lembrar, neste dia, a festa em Coimbra da S.<sup>a</sup> da Nazaré da Ribeira. Com a mellice, a recordação dessa festança que me meociô me era grata sensibilisa-me ainda. Não refiro o que já nestes cadernos tenho escrito, sentimentalmente, verdade seja; contento-me em reter o que ficou e em rever esses dias descuidados que não voltam.

Mas hoje, sobre a lembrança da festa da S.<sup>a</sup> da Nazaré da Ribeira surgiu outra lembrança não menos sensibilizadora: a da romaria da S.<sup>a</sup> do Faro, no monte do Faro sobranceiro a Valença do Minho.

Já lá não 52 anos...

Tinha eu então 27 anos, estava exilado em Valença e, atraído pela fama da festa e do panorama, subi, de madrugada, ao monte e saboreei alegremente a beleza das vistas sobre o vale do Minho e o inédito, para mim, do bulício da romaria. Todo o dia se passou com rapidez; e a companhia de raparigas valencianas já conhecidas e em especial duma delas, morena, com olhos aciznados, que se me afeiçãoou com certa espontaneidade, fez

com que o tempo corresse, não sem deixar impressão na memoria e na saudade, um perfume permanentemente.

Isto não é affectação ou prova de pequenez; bem sei que os do se aproximam e a decadencia é natural; mas a verd.<sup>de</sup> é que por toda a vida a recordação desse dia me não largou e m.<sup>to</sup> meemos a dessa rapariga, cheia de qualidades, affectuosa, um tanto romantica e de uma intelligencia a quem me lixei platonicamente e com a qual me correspondi até casar dentro de maneiras só usadas nos romances moralizadores.

Chamava-se ella (vá lá! para que esconder o nome?) Adozinda do Amaral. Com o tempo, longe da m.<sup>a</sup> influencia benefica, viu a saber que não resistiu á seducção de um rapaz da terra, simpatico, formado por Coimbra; e que, com o prazo natural, lhe nasceu uma filha que, certam.<sup>te</sup>, é maneira minhota, o pai não reconheceu ou até abandonou.

Enfim... Nunca mais tive noticias dela; morreria? Viverá na miséria, a esta hora, velha e triste? Ultimam.<sup>te</sup>, em Lisboa, nas conversas com o cor.<sup>al</sup> Pacifico de Sousa que, em 1807 foi collocado em Cascaes 3, na al-



tura eu que eu estava p.<sup>a</sup> ser de novo colocado  
em Coimbra, temos falado nela e tem-me  
dito o coronel que se dizia por lá que a rapa-  
riça ficára apaixonada...

Assim seria. O tempo, porém, dissol-  
ve as paixões e o sangue espanhol que lhe  
corria nas veias não era talismão confi-  
ciente p.<sup>a</sup> manter com estoicismo a fidelida-  
de ao alferes que, de mais a mais, ia casar.

A vida é mesmo assim...

E tudo isto veio a propósito da festa á  
S.<sup>a</sup> do Tarro, a que no diário do tempo me refi-  
ro com certa largueza e bom humor, bem  
como no vol.<sup>o</sup> a que fez o nome de Basseios  
e Viajatas. Bons tempos!

E adiante.

O que aí fica foi, sem querer, uma verda-  
deira descórdia de netos...

Desculpem e... vamos adiante.

Paz : Maia.

Agosto : 16

No jornalco O Povo da Leiria onde escre-  
vo umas crônicas sobre historia miandem-  
se, veio ha uns dias uma noticia, em lu-  
gar de honra, com cercadura especial para

dar nas vistas. Não resisto a deixa-la aqui arquivada, como documento. <sup>(1)</sup>

Trata-se de noticias da visita do Presidente Am.º Torres ao santuario de Fátima, visita annunciada e esperada pelo Bispo, com missa especial, etc. etc.

Esta gentinha julgaudo que elevam o nomeu, está afinal a confundete-lo.

Mas isso é lá com eles.

Par: Mafra

Setembro: 20

Ontem fez a sua entrada triumphal na vila de Mafra, depois de 17 annos de ausencia, a imagem de S.º de Nazare' do chamado «cirio de jurata grande.» E disse triumphal porque, na verdade, a festa foi de arromba.

Contra o meu costume, fui á vila para assistir á festa. Dinheiru-me oferecido já-mele em casa fronteira á Igreja e Convento de modo que a chegada do cirio era vista em primeira mão.

A multidão era enorme e compacta; dos arredores, o povo affluia á vila quasi

---

<sup>(1)</sup> No final do vol.º a pag. 425.

crer que na sua maioria; o prestigio, na região, desta S.<sup>a</sup> de Nazaré, e a enorme e como só entra nas freguesias que fazem parte da sua Irmandade de 17 em 17 annos, os jovens correm a vê-la pressurosamente pensando que na proximo verão poderão já não estar vivos.

Pois eu lá fui até casa da familia Taveira Pinto que usa brazão encastilhado na sala de visitas. Com effeito as ornamentações, este anno confiadas a um "especialista" de Guimarães, e a iluminação de m.<sup>tos</sup> milhares de lampadas, dava ao grande tapo em frente do convento um aspecto brilhante e animado.

Há muito que as modistas e costureiras da terra não tinham mãos a medir; os alfaiates andavam arrolhados com trabalhos, os electricistas açados com as iluminações das casas particulares, etc. etc. Os restaurantes, casas de pasto, tabernas, á cunha. Eu fim, a S.<sup>a</sup> de Nazaré movimentou meio mundo e fez correr dinheiro á farta.

E até o Presidente Tomás se dispou ser juiz honorario da festa... Que mais que ria a los Senhoras de Nazaré?

Ora bem: com o atrazo natural, o cortejo annunciou-se por meio de uns marqueteiros

lançados á entrada da vila, no ritmo do "Cavallo", e logo o povo correu á passear para ver de perto a Protecção. Deu-se toques de marcha de guerra por clarins: eram 6 soldados de Cavalaria da Guarda N.<sup>al</sup> Republicana, de grande uniforme, montados em nobres cavalos brancos que caminhavam em passo suspeuro com toda a solennidade. Logo atrás a berlinde dourada, em estilo recocó, puxada a duas parelhas do Centro de Instrução (antigo depósito de Remonta), com a imagem e dois "aujinhos", vestidos á romana, como creados de taluma; a seguir uma milord com os "aujinhos" das loás, depois o Príncipe em carro dourado mais ou menos recocó; muitos cavaleiros, creio que officiais do ex.<sup>to</sup>, em cavalos enfeitados, carros também ornamentados puxados a parelhas do Centro, etc. etc.

Não sei se reproduzo com exactidão na ternatice o que vi; mas o conjunto é verdadeiro: o povo da vila e arredores compareceram sinceram.<sup>te</sup> a festa da sua Senhora; a gente grada colheu-se de galas e as instituições militares que aqui têm assento, compareceram materialmente, abundantemente e quero crer que com a sinceridade que as actuais

circunstâncias políticas aconselham-se é que não imprimam.

Confesso que gostei de ver a festa, o cunho popular, a lembrança da "bandeira" do dia 15 de Agosto em Coimbra de que há dias me lembrei p.<sup>o</sup> deixar aqui novas impressões, a ideia de que não verei (mas devo, evidentemente ver) a nova entrada daqui a 17 anos — tudo fez com que achasse interessante o conjunto que tinha o seu tradicional e modo cheirava às modernas celebrações marianas subordinadas ao culto de Fátima.

É pronto.

Como a concorrencia foi enorme e os restaurantes estavam á cunha, acabámos por ir jantar á Ericceira, a uma nova casa pitoresca, sobre as ribas, a que o proprietário deu o nome de Gaiota — onde servem excelentemente, um ambiente agradável, modernista sem exagero.

A' volta, pela estrada que da Caruceira vem ter aos Cabeços, encontramos, a uns dois quilómetros, uns 3 projectores do exercito que faziam incidir varias luzes sobre a fachada do convento daudo á Tristonha mole joanna com um aspecto curioso.



Um canto do meu escritório em  
1959. Fotograf.: de Álvaro de Sáez.

и др. м.м.м.  
м.м. 2400 241 р  
248 - 249

foi tudo. Ao voltar a casa vinha com a consciencia tranquila e com um agradável jantar corrido na Gairola: a Senhora de Nazaré, sempre gostasse de a ver, não me abalou as convicções...

Paz: Mafra:  
Outubro: 3.

Com os 80 annos que atinji hoje não para isso ter medido juízo ou estopa, vou acabar com estes meus diarios que já me não meaçando alguma coisa e não virão talvez a valer um caracol.

Beem sei que nunca em nenhuma pagina poderá apparecer qualquer episodio de interesse ou um commentario que mereça ser lido; mas creio que escrevi de mais e estraguei muito papel e tinta.

Mas adiante.

Nesta altura da vida, ao chegar, como cheguei, aos oitenta, seria tempo de parar e rever toda ella e concluir alguma coisa. Mas concluir o quê? Que errei o caminho? Que a minha passagem pela terra foi inutil? E que só andei ao desencanto, sempre batido por varias e contrarias correntes?



Deixar lá o Passado entregue ao esquecimento. Não vá eu fazer reviver de novo todas as minhas audeanças e maças, que mais do que me tenho maçado... Com graça e com razão escreveu Jean-Paul Sartre que o Passado é um luxo de proprietário...<sup>(1)</sup> Que o que escrevi fique já agora sossegado e se houver quem teia que ajíze se fôr capaz deisso.

« C'est une partie perdue, voilà tout » disse ainda o mesmo discutido existencialista.<sup>(2)</sup>

Sloje, por insistência de minha Netá q. entendia que estávamos em dia festivo (festivo! coitada...) e que « parecia mal » jantarmos em casa como nos dias normais, fomos á Praia de S.<sup>ta</sup> Cruz. Estava tarde agreste, com vento sul irritante que acastelava nuvens negras e pesadas no horisonte, ameaçadoras; ao cair do sol a ameaça concretizou-se e com a noite a água desabateu descompassadamente, batendo com violência nos vidros da casa de mesa do hotel « Mar

(1) La Nausée, pag. 88 (Ed. Gallimard, 1957)

(2) Idem, pag. 197.

Lindo», varrendo as ruas com fragor, correndo nas valetas como riachos impetuosos.

A' volta, acabado o jantar, a final pacatô e que meu Genro pagou porquê, dizia, já me bastava a carga dos ditentô, pelas estradas, a agua que caiu á tanta deixou riuais e, ao aproximar deste teparajo, não foi chuva grossa que desabou nem uma verdadeira tromba de agua, de meter medo, que o carro lá suportou conforme pôde até entrar na cocheira acolhedora.

Ora estas amabilidades da Natureza, fizeram com que considerasse o incidente e me disposesse a pensar em como certos marcos da m.<sup>a</sup> vida foram acompanhados por qualquer successo fora do ram-não, de modo a ficarem na lembrança — como se a Providencia (a Providencia?... ) quizesse dar a impressão de que a minha personalid.<sup>de</sup> merecia ser rodeada por riuais de evidente distincão.

E assim, no carrinho, quer á ida quer á volta, e durante a estada na Praia, o meu espirito andou por riuais loupe do que pelas estradas alcatroadas ou pela amplidão do mar, por riuais serêns, quase sem ondas,

apesar do vento forte que vinha do sul. Com  
centrado, ia pensando no que toraui as oi-  
tô décadas vividas, sem verdadeira finalida-  
de. Mas... enfim, que lhe hei-de fazer se  
não verificar que me expanei no caminho  
e que, agora, é muito tarde para voltar atrás  
e procurar outro rumo?

Vou pôr termo, pois, a esta serie de ~~di-~~  
diarios que alcançei, sem duvida, tamanho  
superior á muito falada lingua da Borda. Não  
vale a pena continuar com a preocupação do  
«dia-a-dia» nem vale tambem a pena fa-  
zer um resumo de tudo o que aí ficou para  
concluir qualquer coisa á maneira do Conse-  
lheiro Acácio ou como nas histórias de "pro-  
veito e exemplo"... E ainda, com as conclusões,  
pões, fazer judiciosos considerandos com os  
resaios literarios de que sou, por meu mal,  
usado e usado.

Mando a verdade dizer que ha uns me-  
ses pensei nisso. Pensei numa revisao  
do que ficou escrito e, ainda mais! pre-  
encher uma lacuna que poderá ser nota-  
da pelos futuros leitores se... isto tiver,  
por acaso, alguns leitores.

A lacuna a que me refiro e que pôde ser tomada em sentido errado, é a das referencias ao tema natural, tão banalizado e, diga-se, eterno da Mulher.

De facto, em 80 annos de vida, alguma coisa se terá para dizer; mas eu, propositadamente, omiti nestes desabaços toda e qualquer interfeerencia que a Mulher teve na minha vida ou qualquer intrometimento que eu tivesse na vida delas — e algumas coisas poderia contar e talvez curiosas. Entretanto, pareceu, que era de boa consciencia não trazer para o papel assuntos intimos que, evidentemente, não deixam em regra documentação e, de futuro, poderiam ser tomados como banalidades e gabarotices.

Não. Acerca desse tema eterno, só direi que a Mulher é uma verdade<sup>o</sup> enigma e parvo será aquelle que o queira decifrar. É o que me diz a experiencia de velho a quem o problema algumas vezes tocou pela porta.

Fecharai, pois, a larga serie de diarios e de memorias. De tudo, ai fica muito que ler e, possivelmente, muito para pensar. Algumas verdades estão escritas; é natural tambem que alguns erros de visao ou apre-

ciacões precipitadas estejam intercaladas com aquellas verdades. Mas... que diabo! não se pode ser infalível no meio de tanta barafunda como foi a dos anos em que vivi — desde as tentativas revolucionarias da ultima década do seculo passado, da agitação politica do começo deste seculo, até a implantação do regime republicano e de toda a complicada existencia deste regime.

Nem sempre o espirito poderia ter a seriedade exigida para boa avaliação dos successos; mas quero ~~ver~~ que tive em tudo o q. aí fica, a necessaria sinceridade para que o depoimento fique com algum valor.

Assim, por exemplo, aquele desgraçado periodo da vida em que andei, e para meu mal, devido nas fainas do generalato.

Os commentarios que deixei seriam injustos? Não estão agora para reter (nem as tenho aqui) as paginas consagradas a essa minha estranha aventura. Porém, ao fim de 20 annos e com peregrin<sup>da</sup> vejo que, de facto, os honreros do Estado-maior, no exame final, fizeram uma tratantada. Quer o meu passado, quer as provas que dei em Caxias,

colocavam-me, sem favor de qualquer espécie, ao abrigo da exclusão.

É verdade que hoje rio-me um pouco, ultimam<sup>te</sup>, e é claro, da comunicação que havia a respeito da minha valença entre os mestres de Laxias que (diga-se também a verdade) tiveram sempre para comigo todas as atenções e, até, deram mostras de consideração que eu não esperava. Tudo vinha, afinal, de maneira como escrevia as provas, sempre claras, sem erros, com redacção de certo modo literário, tanto q.<sup>to</sup> era possível em temas tão áridos; provas que eram lidas com interesse no "arceópago" da instrução, uma das quais até, segundo me disseram depois, ficou para modelo ou base de futuros problemas.

Eu sabia muito dos assuntos táticos ou estratégicos tratados ali? Não, eu não sabia muito e digo-o sem querer armar em génio militar; o que me dá valor era exactamente saber pouco dos regulamentos e ter certa cultura geral para abraçar mais por alto os problemas postos.

Escreveu Foch <sup>(1)</sup> que na guerra não há

<sup>(1)</sup> Des Principes de la Guerre, 7.<sup>me</sup> ed. pag. 11

casos particulares, « Tout y est affaire d'es-  
"pèce » e Clausewitz já tinha dito que do en-  
sino dos livros não se deve guardar senão  
o que servir para a educação do espírito <sup>(1)</sup> —  
o que Foch traduzia dizendo que saber os regu-  
lamentos não é o mesmo que possuir o  
dom creador. <sup>(2)</sup>

E basta de erudição... mas sempre vou  
acrescentando que, quer no curso de tenente-  
coronel em 1935-36 quer no de coronel em  
1938-39, valeu-me de muito o meu silêncio,  
isto é, o grande cuidado que tinha em não fa-  
lar nem qualquer motivo em assuntos de tá-  
tica ou de estratégia — o que junto á minha fa-  
ma de escritor, de homem estudioso e culto,  
davam-me certa auréola de competência. <sup>(3)</sup>

Creio que isto é a verdade; escrevo sim-  
plemente. E para que estar aqui a fazer ape-  
nas grossas para encher mais umas paginas  
do diário? Quero crer que o que aqui fica  
sobre a m.<sup>a</sup> aventura de Gaxias é a verdade,

(1) Cit.<sup>o</sup> em qualquer obra de que me não lem-  
bro agora.

(2) Obra cit.<sup>o</sup>, 9.<sup>me</sup> ed. a pag. 16.

(3) O Tenente Passos, hoje general ref.<sup>o</sup>, chegou  
a chamar-me « pensador... » num discurso em  
assembleia geral da Revista Militar. Pensador!...



Fotografia tirada a 22 de Outubro de  
1958, dia das « bodas de ouro »





tanto quanto é possível ser verdadeiro em  
causa própria. *verdadeiro em causa  
própria*

E agora... lembrarei, para acabar,  
um passo do meu mestre Herculano (e tão  
ruim e insignificante discípulo fui!...) *o  
meu mestre Herculano*  
quando escreveu em 1873 (só com ressen-  
ta e tres anos!) ao abrir a serie dos Opus-  
culos e ao confessar o « egoismo dos anos  
derradeiros » que resumia no « amor á  
"quietação da intelligencia que no outeiro da  
"vida é em nós como o pronuncio da comple-  
"ta, da eterna paz!"<sup>(1)</sup>

E que esta serie de diarios fique encerra-  
da em boa hora!

A continuação das memorias, essa con-  
tinuará conforme a minha capacidade de tra-  
balho. Ainda me faltam alguns periodos  
de vida e talvez alguns, até, dos mais inté-  
ressantes — e não sei se viverei e se terei  
a « quietação da intelligencia » sufficiente pa-  
ra tão curiosa tarefa.

Saberá o Ferreira Passos o que é um pensador?  
E o mais curioso é que ele o disse a serio e pos-  
sivelmente convencido.

(1) No vol. I, a pag. VII da 1.ª edição.



As minhas leituras...

Pareceu-me que não fizera nada de to-  
do, no fim de 1974. Só me tenho por um escritor  
sério. Tolerou-me este orgulho e esta  
fraqueza...

José Régio: Introdução à 5ª edi-  
ção dos Pseumas de Deus e do Diabo,  
a pag. 46.

- 1 - Villiers (Casimiro de): Os Primaveraes.  
1972.
- 2 - Villiers (Jorge de): O 5 de Outubro: 1972
- 3 - " " " " : O 31 de Janeiro: 1972
- 4 - " " (Villiers de): Armarcos: 1974
- 5 - Acampamento romano de Antaishol, da  
faixa de letras de Coimbra: 1978.
- 6 - Adams (Paul): L'année de Clément: 1970
- 7 - " " " " : Basilé et Sophie: 1970
- 8 - " " " " : La Tania: 1975
- 9 - " " " " : Frêne et les amurques: 1976
- 10 - " " " " : Letras de Malainis: 1971
- 11 - " " " " : Les Lamps: 1976
- 12 - " " (Villiers de + ...): Christianisme  
1977

Ver-se-ha. Nestas alturas la caminha  
da sua se podera afirmar com a sua  
cia. Será o que far.

Vamos lá a ver, como hoje se usa  
contencente idar.

E quanto...

... é a sua terra por um acerto

aria. Poderem - que este orgão e este

frangues...

... a sua terra: Introdução e 2º ed.

com os poemas de João e do livro

- pag. 46 -

## As minhas leituras...

Pareceu-me que não ficaria mal de todo, no fim deste Diário, a relação dos livros lidos desde 1898, ano em que comecei a tomar nota. São 62 anos de leitura que poderão documentar, em parte, o retrato que aí deixo ao tempo da longa série de volumes.

Até fica p.<sup>a</sup> quem for capaz de tirar algumas conclusões.

- 1 - Alves (Casimiro de): As Primaveraes. Em 1928.
- 2 - Alves (Jorge de): O 5 de Outubro: 1912
- 3 - " " " : O 31 de Janeiro: 1912
- 4 - " (Solano de): Amarelos: 1934.
- 5 - Decaufarnento romano de Antãohol, da Faculd. de Letras de Coimbra: 1958.
- 6 - Adam (Paul): L'année de Clarisse: 1930
- 7 - " " " : Basile et Sophie: 1930
- 8 - " " " : La Force: 1945.
- 9 - " " " : Inène et les eunuques: 1956
- 10 - " " " : Lettres de Malaisie: 1931.
- 11 - " " " : Les Lions: 1950.
- 12 - " (Villiers de l'Isle): Elisérias israelitas: 1933.

- 13 - Afonso (Mestre): Itinerario q. fez da In-  
dia por terra a estes reinos ... : Em 1923
- 14 - Atala (Frederico Dinis de): Vasco da Ga-  
ma. Quando partiu? : 1898.
- 15 - Aires (Christovam): O Diario de Junot  
{Na Hist. do Ex. Parbiquês, Provas, vol. XII} : 1917.
- 16 - ——— : Historia do Exército  
Parbiquês, Texto, vol. III : 1921.
- 17 - ——— : Teoria da Historia da  
Civilização Militar, Em 1901 a 1934.
- 18 - Alain-Fournier: Le grand Meaulnes.  
Roman : em 1956
- 19 - Alarcão (D. João de): V. Andrade (João)  
Alarcão (D. Pedro A. de): El capitán Ve-  
neno : Em 1931
- 20 - ——— : El clavo : 1942
- 21 - " " : La Prolija : 1932.
- 22 - " " : Verdades de pa-  
mo pardo : Em 1935.
- 23 - Albuquerque (Afonso): Comentários do  
Grande Afonso de Albuquerque : em 1924.
- 24 - Albuquerque (Antonio de): A execução  
do Rei Carlos : Em 1912.
- 25 - ——— : O marquês  
da Bacalhós : Em 1919.
- 26 - Albuquerque (João<sup>th</sup> Mousinho de): Car-  
tas (...) ao Conde de Arce : Em 1958
- 27 - Albuquerque (Luis de Filles Mousinho  
de): Geopicas Parbiquesas : Em 1957.
- 28 - Albuquerque (Mateus de): Juventude de  
Anselmo Torres : Em 1922
- 29 - Aldemira (Varela): Um ano tragico : 1938.

- 30 - Aleucan (José de) : Dina : Em 1918.
- 31 - " " : Eucarnação. Em 1917.
- 32 - " " : O Guarany : Em 1899 e  
em 1924.
- 33 - " " : Jracêma : Em 1900, 1903  
e 1927.
- 34 - " " : As minas de prata :  
Em 1899.
- 35 - " " : Sonhos de Ouro, em  
1903 e 1923.
- 36 - " " : O Bronco do Ipe : Em 1926
- 37 - " (Mário de) : Contos e Impressões  
Em 1931.
- 38 - Alfiéri (Vitório) : Filipe II : Em 1946
- 39 - Aljubarnota. Trabalhos em execução de as  
questões militares : Em 1957.
- 40 - Allehaut (Cor.) : Le combat d'infanterie.  
Em 1932.
- 41 - " " : Elements de tactique  
generale : Em 1934
- 42 - " " : La Guerre n'est pas  
une industrie : Em 1935.
- 43 - Aleucida (Antônio José de) : Desafronta  
Em 1899 e 1952.
- 43 - " " : Palavras dum  
intrauzigente : Em 1956
- 44 - " " : Guarantia aos  
de vida literaria e politica : vol. III em 1940 e  
e vol. IV em 1940.
- 45 - Aleucida (Ant.º Ramos de) : Eça : Em 1946
- 46 - " " : Bernardino  
Machado : Em 1952



- 47 - Almeida (Carlos Pinto de): Os Homens da Cruz Vermelha. Em 1899.
- 48 - \_\_\_\_\_ : O Trecho do Casarão. Em 1899.
- 49 - Almeida (Fernand Pimentel de): O sentimento da Natureza no Fausto de Goethe: em 1926
- 50 - Almeida (Fortunato de): O Infante de Sagres: em 1898.
- 51 - \_\_\_\_\_ : As questões sociais: em 1925.
- 52 - Almeida (Francisco José de): Apontam.<sup>tos</sup> para a vida de um homem obscuro: em 1906.
- 53 - Almeida (Francisco Lopes Vieira de): A varanda de Carmes: em 1946.
- 54 - \_\_\_\_\_ : Historias: em 1914.
- 55 - \_\_\_\_\_ : A máscara de Eça: 1945
- 56 - Almeida (João de): Alguns aspectos da Defesa Nacional: em 1948.
- 57 - Almeida (José Valentin Filho de): Actores e Autores: em 1925
- 58 - " : A Esgrima: em 1905 e 1915
- 59 - " : Aves neigradeiras: em 1921.
- 60 - " : Barbear, peitear...: em 1916.
- 61 - " : A cidade do vicio: em 1912.
- 62 - " : Contos: em 1904 e 1913.
- 63 - " : Estâncias de Arte e Saudade: em 1921
- 64 - " : Figuras de destaque: em 1924.
- 65 - " : Os Gatos: vol. I em 1911; vol. II em 1913; vol. III em 1915; vol. IV e V e VI em 1912.
- 66 - " : Lista galante: em 1905 e 1923.

- 67 - Alencida { José Valentim Gialho de } : Madona do Campo Santo : em 1902
- 68 - " : O País das Uvas : em 1910 e 1919.
- 69 - " : Passajinadas : em 1924.
- 70 - " : Saibam quanto... : em 1913.
- 71 - " : Vida errante : em 1925.
- 72 - " : " : Ironia : em 1914.
- " : Vide Livro Proibido
- 73 - " { Julia Lopes de } : a família Medeiros : em 1932.
- 74 - " : a Isca : em 1930
- 75 - " : Teatro : em 1937.
- 76 - " { Nicolau Tolentino de } : Obras completas : em 1923
- 77 - " : Satiras e epístolas : em 1898
- 78 - Alonso { D. Carlos Garcia } : Concepto y estudio de la Historia Militar : em 1934
- 79 - Alvora { Marguesa de } : Leditos : em 1941
- 80 - " : " : Poesias : " 1947.
- 81 - Altamira { D. Rafael } : Filosofia de la Historia y Teoria de la Civilizacion : em 1927
- 82 - ———— : Novelitas y Cuentos : em 1948
- 83 - ———— : Questiones resu-  
dadas de Historia : em 1941.
- 84 - Altmayer { Car.<sup>o</sup> René } : La doctrine mi-  
litaire allemande : em 1935.
- 85 - ———— : Etudes de tactique  
générale : em 1938.
- 86 - Alvarenga { M.<sup>o</sup> Inacio da Silva } : Poe-  
mas eroticos : em 1925.
- 87 - Alvarenga { Mario Kol de } : O Deus

- em letras : em 1955.
- 88 - Alvares (Sr. João) : Crônica do Infante  
Santo D. Fernando : em 1912.
- 89 - Alves (Castro) : Espumas fluctuantes : 918.
- 90 - " (Francisco Manuel) : Chaves.  
Apontamentos... : em 1940.
- 91 - Amado (Alberto) : Vida americana : 1920.
- 92 - Amaral (Elói do) : O amor de Eça à  
Terra portuguesa : em 1945.
- 93 - ———— : Bocage : em 1916
- 94 - Amaral (Vasco Botelho do) : Cultura,  
defesa e expansão da língua portuguesa : em 1958.
- 95 - Amaro (Carlos) : S. João subiu ao tro-  
no : em 1928.
- 96 - Ameíris (Edmundo) : Baração : em 1925.
- 97 - Amerim (Franc. Gomes de) : O amor  
da Patria : em 1930.
- 98 - Ameirão : A lirica de — tradução  
de A. F. de Castilho : em 1930.
- 99 - ———— : Odes de — trad.<sup>ção</sup> de Luis  
Calado Nunes : em 1927.
- 100 - Anatomico jocoso, ed.<sup>ção</sup> de 1839 : em 1924.
- 101 - Andenius : A vida do capitão Galau (Co-  
laboração of J. Diaz Fernandez) : em 1932.
- 102 - Andersen (Hans) : Céu azul : em 1941.
- 103 - Andrade (Anselmo de) : Alexandre Her-  
culano : em 1948.
- 104 - ———— : Alguns homens  
notáveis de Portugal : em 1954
- 105 - Andrade (Francisco de) : Caméstaris  
da ritaria de Chaul : em 1946
- 106 - Andrade (Jacinto Freire de) : A vida

- de D. João de Castro: em 1900 e em 1926.
- 107 - Andrade (João): Avós ilustres: em 1922.
- 108 - " " : Contos e lendas: em 1952.
- 109 - " " : A Sulamite: em 1921.
- 110 - " {J. M. Gaubart de}: Uma reunião: em 1931.
- 111 - André (Gen.º): Cinco anos de ministério: em 1907 e 1935.
- 112 - Annunzio (Gabriel d'): O Fogo: em 902 e 930.
- 113 - " : Francesca da Pirmiri: em 1931.
- 114 - " : L'interes: em 1926.
- 115 - " : Triomphe de la mort: em 1928.
- 116 - " : Os virzeus: em 1935.
- - Aprá (Alberto Carlos): Vida Monteiro (Reu rigue Pires).
- 117 - Aragon (Luis): Les beaux quartiers: 1957.
- 118 - " " : Les cloches de Bâle: em 1956.
- 119 - Aranha (Graca): Chanaan: em 1929.
- 120 - " {Weucastan de Brito}: Contos e narrativas: em 1959.
- 121 - " : Estrocos e recordações: em 1955.
- 122 - " : Factos e honreus do meu tempo: em 1954.
- 123 - Araguistan (Luis): La revolucion Mexicana: em 1930.
- 124 - " : Vida y resurrecion: em 1934.
- 125 - Aranjhe J.º {J.}: Jacina, a marabá: 1904.
- 126 - " " : Luisinha: em 1912.
- 127 - Araujo (Sleumberto de): Aguias: em 1926.
- 128 - " " : Incoerencias: 1926.

- 129 - Araujo (Luis de) : Ceiras portuquesas : 928.
- 130 - " (Alberto Veloso de) : Carrilo em B.  
Miguel de Seide : 1949.
- 131 - Archer (Maria) : Sertanejos : em 1936.
- 132 - " : " : Singularidades de um  
 país distante : em 1936.
- 133 - Aristofanes : Os cavaleiros : em 1925.
- 134 - " : Lisistrata : em 1927.
- 135 - " : As nuvens : em 1925.
- 136 - " : A Paz : em 1940.
- 137 - " : Plectus : em 1926.
- 138 - Arrais (D. Frei Eduardo) : Dialogos : 946.
- 139 - Ariapa (José de) : História da Revolução  
 de Setembrero : vol. I em 1910; vol. II em 1912.
- 140 - " : Os ultimos 60 anos  
 da Monarquia : em 1911.
- 141 - Ariapa (Manuel de) : A primeira pre-  
 sidencia da Republica Portuguesa : em 1935.
- 142 - Arvois (Antonio) : Singularidades da  
 minha terra : em 1921.
- 143 - Arte de furtar, espelho de cupaveos :  
 em 1931.
- 144 - Artur (Bartolomeu Sisi naudo Ribeiro)  
 : Os Caçadores portuqueses na Guerra da  
 independência : em 1902.
- 144 - " : A Legião  
 Portuguesa : em 1903.
- 145 - Arzuaga : El Cid Campeador : em 1901.
- 146 - Assis (Machado de) : Cantos fluminen-  
 ses : em 1953.
- 147 - " : Dom Casmurro : 1950.
- 148 - " : Esau e Jacob : 1958.

- 149 - Assis (Machado de) : Flélcia : em 1903
- 150 - " " : Histórias da noite : em 1904
- 151 - \_\_\_\_\_ : Memórias de Braz Cubas : em 1941.
- 152 - \_\_\_\_\_ : Quincas Barba : em 1941
- 153 - \_\_\_\_\_ : Resurreição : em 1904 e em 1930
- 154 - \_\_\_\_\_ : Yajá Garcia : em 1903.
- 155 - Assunção (Tomás Lino de) : Fim de Seculo : em 1904.
- 156 - \_\_\_\_\_ : Freiras de Larvão : 1905.
- 157 - \_\_\_\_\_ : Martires : em 1903.
- 158 - \_\_\_\_\_ : As monjas de Fernide : em 1902 e em 1918.
- 159 - Asia (Luis Jimenez) : Juventude, 1932.
- 160 - Aubry (Octave) : Le Roi de Rome : em 1947
- 161 - Aulard (François-Victor Alphonse) : Le Christianisme et la Revolution Française : em 1926.
- 162 - \_\_\_\_\_ : Études et leçons sur la Revolution Française : 2.<sup>me</sup> serie : em 1926.
- 163 - \_\_\_\_\_ : Gaie historien de la Revolution Française : em 1932.
- 164 - Aurevilly (Barbey de) : Les Diaboliques : em 1928.
- 165 - \_\_\_\_\_ : Le rideau cramoisi : em 1905.
- 166 - Azeiro (Fr. Pautaleão de) : Itinerario da Terra Santa : em 1932.
- 167 - Avila (Artur Eupercio Lobo de) : Os Camarões : em 1900.
- - Avila (Carlos Lobo de) : Vide Ego-Altér

- 158 - Ayala (Ramon Perez de): Belarmino y Apolonio: em 1927.
- 169 - Azevedo (Aleizio de): O mulato: em 1917.
- 170 - " (Alvaros de): Poema dum fra-  
de: em 1927.
- 171 - Azevedo (Ant.º Xavier Ferreira de): Ma-  
nuel Mendes de Enxundia: em 1909.
- 172 - Azevedo (Guilherme de): Alma Nova: 1928.
- - " " " " : Vide Jungueiros.
- 173 - " (D. João de): Costa Cabral em re-  
levo: em 1958.
- 174 - " " " " : Os dois dias de Outu-  
bro: em 1952.
- 175 - " " " " : Quadro Político do  
Parlamento de 1842: em 1958.
- 176 - Azevedo (João Lucio de): A evolução do  
Sebastianismo: em 1919.
- 177 - " " " " : Historia dos cris-  
tãos-novos: em 1923.
- 178 - " " " " : Os jesuítas no  
Grã-Pará: em 1923.
- 179 - " " " " : O Marquês de Pom-  
beal e a sua época: em 1936.
- 180 - " " " " : Novas epuafato-  
ras: em 1950.
- 181 - Azevedo (J. Soares de): Condições ecóno-  
micas da Revolução Portuguesa de 1820: em 1951.
- 182 - Azevedo (P.º Luis Garcia Lues de): Proseri-  
tos!: em 1921.
- 183 - Azevedo (Maximiliano de): Historias das  
Ilhas: em 1920.
- 184 - " " " " : Jués de Castro: 1940

- 185 - Azevedo { Marcia de } : Flomem do pas-  
rado : em 1958.
- 186 - \_\_\_\_\_ : Laureauco de Mau-  
reira : em 1918.
- 187 - Azevedo { Pedro de } : O Arqueiro da Torre  
do Tombo (com Ant.º Baião) : em 1917.
- \_\_\_\_\_ : Vide Capítulos do Cas-  
celho de Elias.
- 188 - Azerin <sup>(1)</sup> : Doña Inês : em 1931
- 189 - \_\_\_\_\_ : Las confesiones de um pequeno  
filosofo : em 1954.
- 190 - \_\_\_\_\_ : Paginas escogidas : em 1932
- 191 - \_\_\_\_\_ : El paisaje de España visto  
por los españoles : em 1937.
- 192 - Balro { Carlos } : A cornura de D. Miguel :  
em 1946.
- 193 - Bacon { Francis } : Eusaio : em 1957.
- 194 - Baderó { F. Duarte } : Bantina : em 1913.
- 195 - Baião { Ant.º } : Afonso de Albuquerque :  
em 1914.
- 196 - \_\_\_\_\_ : Biografia do Paulo Bau-  
destavel : em 1953.
- 197 - \_\_\_\_\_ : Episodios dramaticos da  
Inquisição Portuguesa : vol. I em 1920; - vol. II  
em 1927; e vol. III em 1939.
- 198 - \_\_\_\_\_ : Flomenapem a Bau-  
lo : em 1948.
- \_\_\_\_\_ : Vide Pedro de Azevedo
- 199 - Bainville { Jacques } : Histoire de trois  
generations : em 1946
- <sup>(1)</sup> José Martínez Ruiz



- 200 - Bainville (Theodore de): La vie d'une comédienne: em 1934.
- 201 - Balzac.: Albert Savarus: em 1915 e 1957.
- 202 - " : O ambizioso per amor: em 1899.
- 203 - " : L'auberge rouge: em 1930 e 1946.
- 204 - " : Beatrice: em 1951.
- 205 - " : A casa Nucingen: em 1900.
- 206 - " : Genar Biroteau: em 1898 e 1956.
- 207 - " : Un chef-d'oeuvre inconnu: 1946.
- 208 - " : Les Cheuans: em 1900 e 1935.
- 209 - " : Le colonel Chabert: em 1928.
- 210 - " : Le cousin Pons: em 1927.
- 211 - " : La cousine Bette: em 1928.
- 212 - " : Le curé de Tours: em 1950.
- 213 - " : Le curé de village: em 1925.
- 214 - " : Le député d'Arcis: em 1951.
- 215 - " : Emilia de Fontaine: em 1923.
- 216 - " : L'enfant maudit: em 1954.
- 217 - " : L'euvers de l'histoire contemporaine: em 1943.
- 218 - " : Eupénie Grandet: em 1902 e 1920.
- 219 - " : La fausse maîtresse: em 1915.
- 220 - " : La femme de trente ans: em 1902 e 1928.
- 221 - " : Gauharra: em 1954.
- 222 - " : Histoire des treize: em 1954.
- 223 - " : Honorine: em 1929.
- 224 - " : Illusions perdues: em 1918 e 1942.
- 225 - " : L'interdiction: em 1929.
- 226 - " : Le lys dans la vallée: em 1899 e 1923.
- 227 - " : Maître Cornélius: em 1930.
- 228 - " : Les Marana: em 1930.

- 229 - Balzac : Massimilla Doni : em 1954
- 230 - " : Le medecin de campagne : em 1903  
e em 1926 e 1954
- 231 - " : Memories de deux jeunes marie-  
es : em 1901 e 1931.
- 232 - " : Memorias de la vida conyugal :  
em 1926
- 233 - " : el guerrina dos olhos de ouro : em 904.
- 234 - " : La puerse de l'athée : em 1954
- 235 - " : Modeste Mignon : em 1912 e 1933.
- 236 - " : A musa do Departamento : em 1915
- 237 - " : La paix du ménage : em 1914
- 238 - " : Les Paysans : em 1899 e em 1946.
- 239 - " : La Beau de Chagrin : em 1903 e 1949.
- 240 - " : Le Pere Geriot : em 1900 e em 1924.
- 241 - " : Les petits bourgeois : em 1952
- 242 - " : Physiologie du mariage : em 1903
- 243 - " : Pierrette : em 1950
- 244 - " : Splendeur et misères des courti-  
sanes : em 1918
- 245 - " : Sur Catherine de Medicis : em 1957
- 246 - " : A ultima encarnação de Vaukrin :  
em 1918
- 247 - " : Um caso escuro : em 1919.
- 248 - " : Un ménage de garçon : em 1932 e 950
- 249 - " : Une fille d'Ève : em 1901, 932 e 957.
- 250 - " : " passion dans le désert : em 1900
- 251 - " : Ursule Mirouet : em 1952.
- 252 - " : La Vendetta : em 1898 e em 1951
- 253 - Bandeira (Gust.º de Sousa) : el fazenda de  
Saude : em 1916
- 254 - ———— : Paginas Literarias : 1935.

- 255 - Bandeira (Marquês de Sá de): Lettre au Comte Goblet d'Alviela: em 1947 e 1952
- 256 - \_\_\_\_\_ : Carta (...) sobre a reforma da Carta Constitucional: em 1925.
- 257 - \_\_\_\_\_ : Memoria sobre as fortificações de Lisboa: em 1946.
- 258 - Bauha (Sebastião X.<sup>o</sup> de Oliveira): Historia da Região Paratyuesa: em 1899.
- 259 - Baptista (Ant.<sup>o</sup> Maria): Uma década da Historia Contemporanea: em 1953.
- 260 - Baquero (E. Gomez de): Escenas de la vida moderna: em 1931.
- 261 - Barata (Ant.<sup>o</sup> Francisco): Caucionario Português: em 1921
- 262 - " : Os Jesuitas na Corte: em 1915.
- 263 - " : Locuções dum artista: em 1923
- 264 - " : Memoria histórica de Sé de Evora: em 1920
- 265 - " : Novas locuções dum artista: em 1913.
- 266 - " : O rancho da carpoeja: em 1904
- 267 - " : Um duelo nas pombeiras: em 1915.
- 268 - Barbosa (Pui): Directrizes de ... (edição de Baptista Pereira): em 1936
- 269 - " : O marquês de Pombal: em 1936
- 270 - Barbousse (Lauri): Elevation: em 1931.
- 271 - " : Russia: em 1931.
- 272 - Barclay (Florence L.): L'annee au but du fil: em 1931
- 273 - " : L'auréole brisée: em 1957.
- 274 - " : La châteline de Sheustone: 942
- 275 - Baroja (Pío y): La aurora roja: em 1926.

- 276 - Baroja (Pío y): La caverna del Rumorís  
neo: em 1943.
- 277 - Barreira (João): Silva de Arte: em 1928.
- 278 - Barreiros (Bernardo): Notícia histórica do  
Corpo M.<sup>re</sup> Académico (1803-1811): em 1913.
- 279 - Barrio (Maurice): Le génie du Rhin: 955
- 280 - " : Jardin de Bâremice: em 1930
- 281 - " : " sur l'Oronté: em 1930
- 282 - Barreto (Guilherme Moriz): Ensaio de  
crítica: em 1944.
- 283 - \_\_\_\_\_ : Oliveira Mar-  
tius: em 1924.
- 284 - Barros (Guilhermino de): O castelo de Mou  
saute. Romance: em 1953.
- 285 - Barros (João de): Diálogo em Louvar de nos  
sa Lu se Linyuapem: em 1913
- 286 - " : Panegirico da Infanta D. Maria:  
em 1944
- 287 - " : Panegirico de D. João 3.<sup>o</sup>: em 1944
- 288 - " : Primeira década da Aois (Antologia  
de Agostinho de Campos): em 1924
- 289 - " (João de) <sup>(1)</sup>: Anteu: em 1939.
- 290 - " : Canto da Primavera: em 1945.
- 291 - " : Grécia, Musa do Ocidente: em 1930
- 292 - " : Sloje, onteu, amauhã: em 1950.
- 293 - " : Pomar dos Sonhos: em 1901.
- 294 - " : Portugal, terra do Atlantico: em 1931
- 295 - " : Sisifo: em 1955.
- 296 - Barroso (Gustavo): A guerra de Artigas:  
em 1936

(1) Seculo XX.

- 297 - Bartolina : Alguma coisa : em 1898.
- 298 - " : Versos y prosas : em 1900
- 299 - Basto { Ant.º A. Jervis de Azevedo Pinto } : Cruzador S. Gabriel. Viagem de circumnavegação : em 1912.
- 300 - Basto { Artur C. de Barros } : Causa de Viriato : em 1937
- 301 - " : Os judeus no velho Porto : em 1933
- 302 - " { Artur de Magalhães } : Glomeros e casos duma geração notável : em 1938.
- 303 - " : 1809. O Porto sob a regenda Invasão francesa : em 1954.
- 304 - " : Poeira dos Arquivos : em 1940
- 305 - Basto { Claudio } : A Cuiçapau de Carrilho : em 1954
- 306 - Basto { José Alberto da S.ª } : A aproximação e o contacto : em 1934
- 307 - Bastos { Franc.º José Teix.ª } : Bolsas de trabalho : em 1898
- 308 - " : Comté e o positivismo : em 1909.
- 309 - " : Dissolução do regime capitalista : em 1898
- 310 - " : Ensaio sobre a evolução da Humanidade : em 1925.
- 311 - " : Habilitações operarias : em 1898.
- 312 - " : O Primeiro de Maio : em 1898.
- 313 - " : Teófilo Braga e a sua obra : em 1951
- 314 - " : Tribunais de Arbitros Arbitros : em 1898.
- 315 - " : Vibrações do século : em 1947.
- 316 - Bastos { Francisco Leite } : Sapatos de

- de Lafont : em 1958
- 317 - Bastos { Grauc. Leite } : O ultimo carrasco : em 1912
- 318 - " { José Timóteo da Silva } : História de  
Guerra Intelectual em Portugal : em 1945.
- 319 - " " " : Perfil de Intelectuais  
em 1952.
- 320 - Batalha { Ladislau } : Curiosidades da His-  
tória Portuguesa : em 1937.
- 321 - " " : Plebeios : em 1947
- 322 - " " : Memórias e aventuras : em 1938
- 323 - Bataillon { Marcel } : O cosmopolitismo de  
Damião de Góis : em 1938.
- 324 - Bathie { Perier de la } : De Descartes au  
General X... : em 1935
- 325 - Baudelaire { Charles } : Les fleurs du mal :  
em 1937.
- 326 - Baum { Vicki } : Le dernier jour : em 1940
- 327 - Bayet : Les manales de l'Europe : em 1927.
- 328 - Bazan { Emilia Pardo } : Arco Iris. Cuen-  
tos : em 1948.
- 329 - Bazin { René } : Les Noëlet : em 1949.
- 330 - " " : La terre qui meurt : em 1950
- 331 - Beau { Albino Eduardo } : O conceito de His-  
tória de Alexandre Herkulano : em 1944.
- 332 - Beaumarchais { Caron de } : El barbero de  
Sevilla : em 1900
- 333 - Beca { Carlosano de Freitas } : Penafiel. Slou-  
tem e floje : em 1932.
- 334 - Becker { G. } : La Bataille : em 1933.
- 335 - " " : Vers la Bataille : em 1933.
- 336 - Beckett { Samuel } : Esperando por Godot.

- (Tradução de Luis Franc.º Rebelo) : em 1959
- 337 - Beckford (William) : Alcoberca e Batalha :  
em 1936
- 338 - " : A corte de D. Maria I : em 1920
- 339 - Bedel (Maurice) : Jerôma 60.º Latitude  
Nord : em 1946
- 340 - Bédier (Joseph) : Le roman de Tristan et  
Isolt : em 1930.
- 341 - Beirão (Castaño) : Cartas da rainha D.  
Mariana Vitória : em 1950.
- 342 - Beirão (Sara) : Alvaradas : em 1942
- 343 - " " : Um divórcio : em 1948.
- 344 - Beiras (Sarmiento de) : Sinfonia do  
vento : em 1924.
- 345 - Beldemonio : Contos imorais : em 1917.
- 346 - " " : A musa loira : em 1917.
- 347 - " " : Viagens no Chiado : em 1933.
- 348 - " " : Vespas, n.º 1 : em 1956.
- 349 - Bell (Aubrey) : Alguns aspectos da Lite-  
ratura Portuguesa : em 1924.
- 350 - " : Damianos de Góis : em 1942
- 351 - " : Benjamim Lopes : em 1945.
- 352 - Belo (Jose' M.ª) : al' marquem dos livros :  
em 1944
- 353 - Belo (Oliveira) : Os Farrapos : em 1912
- 354 - Brennante (Jacintho) : Los intereses crea-  
dos : em 1931.
- 355 - Benda (Julien) : La trahison des clercs :  
em 1939.
- 356 - Benerides (Franc.º da Fonseca) : No tem-  
po dos Franceses : em 1914.
- 357 - Benjamin (Bené) : Gaspar : em 1956.

- 358 - Benoit (Pierre) : Albarré : en 1956
- 359 - " : L'Atlantide : en 1955
- 360 - " : L'homme qui était trop grand (coll. Baracão y Claude Farière) : en 1937
- 361 - " : M.<sup>elle</sup> de la Ferté : en 1948
- 362 - " : Le puits de Jacob : en 1954.
- 363 - " : Saint-Jean d'Acres : en 1948.
- 364 - " : Le soleil de minuit : en 1947.
- 365 - Beusaude (Jaquim) : Les légendes allemaudes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises : 1932
- 366 - ———— : Origine du plan des Indes : en 1931.
- 367 - Bergström (Gustaf Adolph) : Vitórias da Logica : en 1918
- 368 - Bernanos (Georges) : Un mauvais rêve : en 1954.
- 369 - Bernard (Gristau) : Secrets d'État : en 1948.
- 370 - " : Sketches radiophoniques : en 1957
- 371 - " : Un jardreau de l'année : en 1956
- 372 - Bernardes (Diogo) : Cartas : en 1924
- 373 - " : Eclogas : en 1924.
- 374 - " [Manual] : Novas Florescência : vol. I en 1924; - vol. II e III en 1926; - vol. IV en 1927; e vol. V, en 1933.
- 375 - Bernardes (M.<sup>el</sup>) : Pão partido em jaguemi nos : en 1928
- 376 - Bernis (Col.<sup>el</sup>) : Essai sur le renseignement à la guerre : en 1934.
- 377 - Bertaut (Jules) : 1848 et la Seconde République : en 1940.
- 378 - Bertrand (Abrien) : L'illusion du Préfet



Mucius : em 1940

379 - Bellencaurt (José Rebelo de) : Geofilo Braga, mestre nacionalista : em 1953.

380 - Bileasco (Princesa) : Les Reits Paradis : em 1940.

381 - Bilac (Blavo) : Bocage : em 1931.

382 - " " : Ironia e Piedade : em 1930

383 - " " : Poesias : em 1852.

384 - Bingre (Franc.º Joag.º) : O moribundo cisne do Vauya : em 1949.

385 - Biotot (Gen.º) : Jeanne d'Arc : em 1935.

386 - Blanc (Louis) : Pages d'histoire de la Revolution de Fevrier, 1848 : em 1925

387 - Blanco-Fombona (Rufino) : El hombre de oro : em 1936.

388 - Blasco (Mercedez) : Memorias de una atriz : em 1953.

389 - " " : Nas Trucheiras da vida : em 1959.

390 - Bloch (J. Richard) : Espagne, Espagne! : em 1937

391 - Bloch (Marc) : Apologie pour l'histoire ou métier d'historien : em 1951.

392 - Bocacio : Contes : em 1932

393 - Boileau : A estante do coro : em 1928.

394 - " : Satires : em 1937.

395 - Bojer (John) : Le nouveau temple : em 1937.

396 - Boleco (Manuel de Saiva) : O realismo de G. de Queiroz : em 1944

397 - Bombarda (Miguel) : Enfermo em religio sa : em 1950

398 - Bonnal (Gen.º Guilherme Augusto) : La ma-

- oeuvre 2ª Teia : em 1926  
 399 - Bornal { G. A. G. A. } : La manseura de Vilva : em 1936
- 400 - Bonaues { João } : O seculo e o clero : em 1946.
- 401 - Bordeaux { Henri } : L'arnaur en fuite. Le paon blanc : em 1926
- 402 - " : Ménages d'après guerre : em 1927.
- 403 - " : La Petite Mademoiselle : em 1926.
- 404 - " : Les Roguerillards : em 1930.
- 405 - " : La sonate au clair de lune : em 1949.
- 406 - " : Les yeux qui s'ouvrent : em 1948.
- 407 - Borges { José Ferreira } : Cartilha do Cidadão Constitucional : em 1953.
- 408 - Borges { Viriato } : Algumas notas e poemas pões de Mocambique : em 1913.
- 409 - Bary { Jean-Louis } : Mon village à l'heure allemande : em 1948
- 410 - Bossi { Emilio } : A Igreja e a Liberdade : 1930
- 411 - Botelho { Abel } : Senauhá : em 1910
- 412 - " : Senar cresculo : em 1934.
- 413 - " : O barão de Lavos : em 1902
- 414 - " : Fatal dilema : em 1939.
- 415 - " : Os Lazaros : em 1938.
- 416 - " : O livro de Alda : em 1920.
- 417 - " : Mulheres da Beira : em 1910 e 1920.
- 418 - " : Prospero Fastina : em 1910.
- 419 - " { Afonso } : Contos : em 1932
- 420 - " : O Senhor Preitar : em 1901.
- 421 - " { Luis } : Farrapos : em 1953.
- 422 - " { Sebastião Xavier } : Reflexões Políticas : em 1956.
- 423 - Botó { António } : Caucões : em 1934.

- 424 - Boto (Antonio) : Curiosidades estéticas : 1938.
- 425 - Bouchacourt (Comte) : L'Infanterie dans la bataille : en 1935
- 426 - Boucher (Arthur) : L'art de vaincre aux deux rôles de l'histoire : en 1937.
- 427 - " : Les lois éternelles de la Guerre : en 1935.
- 428 - Bourget (Paul) : André Carrelis : en 1952
- 429 - " : Anomalies : en 1952
- 430 - " : Le cœur et le métier : en 1950
- 431 - " : Un crime d'amour : en 1927
- 432 - " : Bruelle énigme : en 1930
- 433 - " : Le démon du midi : en 1955.
- 434 - " : Les deux cœurs : en 1950
- 435 - " : Deuxième amour : en 1932.
- 436 - " : Le diamant de la Paine : en 1957.
- 437 - " : Le disciple : en 1925.
- 438 - " : La Duchesse bleu : en 1946.
- 439 - " : L'eau profonde : en 1948.
- 440 - " : L'émigré : en 1953.
- 441 - " : Le fantôme : en 1932.
- 442 - " : L'irréparable : en 1932
- 443 - " : Laurence Albani : en 1955.
- 444 - " : Lazarine : en 1956.
- 445 - " : Le louveteau : en 1957.
- 446 - " : Neusonges : en 1949
- 447 - " : Monique : en 1953
- 448 - " : Le pens de la mort : en 1948.
- 449 - " : Le Tabin : en 1948
- 450 - " : La Terre Promise : en 1953
- 451 - " : Tragiques romans : en 1946.
- 452 - " : Un drame dans le suicide : en 1956
- 453 - " : Un saint. Antigone, etc. : en 1955.

- 454 - Baurier { René } : Albuquerque : em 1938.
- 455 - Bayleuve { René } : La Béguée : em 1931.
- 456 - " " : Mademoiselle Glogne :  
em 1943.
- 457 - Braga { Alberto } : Os confidantes : em 1921.
- 458 - " " : Contos da aldeia : em 1944.
- 459 - " { Alberto Vieira } : O culto poético jo-  
zular de N.ª Zuziana : em 1955
- 460 - " : Curiosidades de Guimarães, vI : 928
- 461 - " : Guimarães nos costados dos seus li-  
tulos : em 1949
- 462 - " : As vozes dos rios na interpreta-  
ção popular : em 1937.
- 463 - " { Guilherme } : Essos de Aljubarrota :  
em 1902
- 464 - " " : Os falsos apóstolos :  
em 1899 e em 1954
- 465 - " { Luis de Alveida } : O culto da tra-  
dição : em 1949
- 466 - " : Basílicas de Ant.ª Gardinha : em 1950
- 467 - " { Mário } : Esboços de vida : em 1958
- 468 - " " : As Ideias e a vida : em 1959
- 469 - " " : Sua Noite : em 1957.
- 470 - " " : Serranos. Contos : em 1957.
- 471 - " { Teófilo } : Os amores de Carnões : 918.
- 472 - " " : Os Arcades : em 1918
- 473 - " " : Arcadia Lusitana : em 1202
- 474 - " " : Bernardim Ribeiro e o Bucolis-  
mo : em 1910
- 475 - " " : Docage : em 1915
- 476 - " " : Carnões : em 1909
- 477 - " " : Carnões e o sentimento nacio-

- mal : em 1899
- 473 - Braga { Teófilo } : Canções : obra lírica e  
épica : em 1912
- 477 - " " : Caçioneiro Popular : em 1952
- 480 - " " : Cartas (...) a Marques Braga  
em 1956
- 481 - " " : Cartas inéditas a Wilhem  
Streck : em 1850
- 482 - " " : Eça de Queiroz e a sua obra :  
em 1901.
- 483 - " " : Escola de Gil Vicente : em 1911.
- 484 - " " : Do dote de Inês de Castro : em 1908.
- 485 - " " : Felinto Elísio : em 1810
- 486 - " " : Fr. Gil de Santarém : em 1909
- 487 - " " : Garrett e os dramas românti-  
cos : em 1909
- 488 - " " : Garrett e o Romantismo : 1909
- 489 - " " : Gil Vicente : 1911.
- 490 - " " : Genésio Trigueiros : em 1908
- 491 - " " : História das Ideias republica-  
nas em Portugal : em 1954
- 492 - " " : História do Romantismo em  
Portugal : em 1952
- 493 - " " : Idade - média : em 1910
- 494 - " " : As lendas cristãs : em 1924
- 495 - " " : Miragens seculares : em 1952
- 496 - " " : Modernas ideias na Literatura  
Portuguesa : em 1909
- 497 - " " : Obras de Cristóvão Falcão : em 912
- 498 - " " : Poesia do Direito : em 1952
- 499 - " " : Poesias galicianas : em 1915
- 500 - " " : O Povo Barbuês nos seus

- 501 - Braga (Geofilo): costumes, creanças... : em 1917  
Quarenta e seis anos de vida literária : em 1928
- 502 - " " : Reverência : em 1916
- 503 - " " : Sá de Miranda : em 1899.
- 504 - " " : Os seiscentistas : em 1917.
- 505 - " " : Soluções positivas da política portuguesa : em 1955
- 506 - " " : Tempestades pombares : em 1952
- 507 - " " : Test. Braga e Francisco Branco da Silva. Correspondência : em 1928.
- 508 - " " : Viriato : em 1909
- 509 - " " : Visões dos tempos : em 1939.
- " " : Vide Paxeco (Bran).
- 510 - Branco (Fernando Aug.<sup>to</sup>): Novelas submarinas : em 1928
- 511 - Branco (M.<sup>te</sup> Bernardino): D. Afonso VI : 1918
- 512 - " " : As minhas queridas freirinhas de Odivelas : em 1916.
- 513 - \_\_\_\_\_ : Portugal na época de D. João V : em 1922.
- 514 - Braundão (Fr. Antonio): Monarquia Lusitana, 3ª Parte : em 1921.
- 515 - Braundão (Carlos Gal): Funo. Guerra em Birmar : em 1946.
- 516 - Braundão (João): O Terror nas Beiras. Aparentamentos de \_\_\_\_\_ : em 1924
- 517 - Braundão (Julio): Desfolhar de crisântemos : em 1942
- 518 - " " : Farmácia Bires : em 1932
- 519 - " " : Garrett e as cartas de amor : em 1944.

- 520 - Braundão (Julio) : Galeria de sombras :  
em 1940
- 521 - " " : Maris do Beie : em 1902.
- 522 - " " : Perfis suaves : em 1935.
- 523 - " " : Poetas e Prozadores : em 1945.
- 524 - " " : Recordações dum velho Poe-  
ta : em 1949.
- 525 - " (Fr. Mateus) : Elogio necrológi-  
co de D. João VI : em 1913.
- 526 - Braundão (Raul) : A conspiração de  
1817 : em 1914
- 527 - " " : El-Rei Junot : em 1915 e 933.
- 528 - " " : Humus : em 1941.
- 529 - " " : As Ilhas desconhecidas : 1927
- 530 - " " : Memorias, vol. I : em 1920
- 531 - " " : " de um palhaço :  
em 1922
- 532 - " " : Os Pescadores : em 1924.
- 533 - Braz (Cesar Maura) Mocambique : em 950.
- 534 - Brazão (Eduardo) : Macau : em 1858.
- 535 - Brazio (P. Antonio) : Os Pretos em Portu-  
gal : em 1946.
- 536 - Brazol (Maximilien) : Portugal d'ou par-  
tient les caravelles : em 1828
- 537 - Breyner (Tomás de Melo) : Memorias :  
em 1957.
- 538 - Brites (Geraldino) : O medico e o ambien-  
te social : em 1933
- 539 - " " : A orientação do estudo  
do aluno medico : em 1932
- 540 - " " : Ramon y Cajal : em 936
- 541 - Brito (Alberto da Rocha) : Dialogo da per-

feições e partes necessarias ao bom medico :  
em 1945.

542 - Brito (Alb.º da Rocha) : A Farsa dos Fisicos  
de Gil Vicente vista por um medico : em 1944.

543 - Brito (José Joaq.º Gomes de) : Alexandre  
Bercentano. Páginas intimas : em 1944.

544 - Brochado (José de Cunha) : Cartas <sup>(1)</sup> : em 1945

545 - " " " " : Cartas ao Cou-  
de de Vieira : em 1927.

546 - " " " " : Memorias, edição  
de Mendes dos Remedios : em 1953.

547 - Brocher (Henri) : Le mythe du Sieros et  
la mentalité primitive : em 1939.

548 - Brosse (Gen.º J.) : La marche d'approche :  
em 1933.

549 - Breun (André) : Contos escolhidos : em 1937

550 - " " : Dez contos em papel : em 1930  
e em 1954

551 - " " : Domínios escolhidos : em 1959

552 - " " : Filosofia de Felix Pevide : 1925

553 - " " : Interistas de ontem : em 1959.

554 - " " : A matequinha de Arroios :  
em 1938, 1940 e 1959.

555 - " " : Praxedes, mulher & Filhos :  
em 1925

556 - " " : Sem pés nem cabeça : 1924.

557 - " " : Teatro : vols. I e II : em 1955.

558 - " " : o Vizinho do lado : 1927 e 1944.

559 - Breunediére (Ferdinand) : Cinq lettres sur  
Ernest Renan : em 1931

<sup>(1)</sup> Edição Sá de Costa.



- 560 - Bueno : A Ditadura : em 1909.
- 561 - " : O Escobar : em 1914
- 562 - " : Geracão Nova : em 1929
- 563 - " : Os modernos publicistas portugueses : em 1908.
- 564 - " : Notas do exílio : em 1932
- 565 - " : O Porto culto, vol. I : em 1912.
- 566 - " : Particulares Ilustres : vol. I em 1908 ; vols. II e III em 1909.
- 567 - " : Portugal e a guerra das Nações : em 1909.
- 568 - " : A questão religiosa : em 1908
- 569 - Bueich (Antonio J.) : Um país de Es, de Sui, de  
roz : em 1948
- 570 - Buck (Pearl) : La mère : em 1949.
- 571 - " " : Vento do Oriente, Vento do  
Ocidente : em 1945.
- 572 - Buendia (Rogélio) : Lusitania : em 1942
- 573 - Buonaiuti (Ernest) : Le modernisme  
catholique : em 1927.
- 574 - Bugiel (V.) : Les grands poètes polonais :  
em 1930
- 575 - Burnay (Eduardo) : O Quebrado de Castelo - Me  
lhor : em 1923
- 576 - Burnet (Etienne) : La Porte du Sauveur :  
em 1928
- 577 - Burroughs (P. E.) : O Povo Baptista : 95%.
- 578 - Byron : Le Corsaire : em 1902 e 1926
- 579 - " : Manfredo : em 1934.
- 580 - Cabral (Antonio) : Os amores, os ciúmes e  
a graça de Carrilo : em 1942
- 581 - " " : Carrilo de perfil : em 1942

- 582 - Caleral (Ant.º) : Carrilo desconhecido : 1948  
 583 - " " : " e Luca de Siqueiros :  
 em 1940  
 584 - " " : Cartas de D. Carlos a José Leu-  
 ciano de Castro : em 1948  
 585 - " " : Coizas do passado : em 1945  
 586 - " " : A morte do marquês de Lau-  
 lé : em 1839.  
 587 - " " : Homens e episódios inoltri-  
 dáveis : em 1953.  
 588 - " " : Apologias de Carrilo : em 950.  
 589 - " " : O talento e os desvarios de Guer-  
 ra Junqueira : em 1944  
 590 - " " : Tempos de Coimbra : em 1943  
 591 - " (Franc.º Alberto de Costa) : D. João II e  
 a Renascença Portuguesa : em 1915.  
 592 - ———— : Liberais e absolu-  
 tistas : em 1936.  
 593 - Caleral (Paulino Ant.º) : Poesias : em 1936  
 594 - Baduro (Barão de) : Diriz : em 1941  
 595 - Caemmerer (Von) : L'evolution de la strate-  
 gie au XIX.<sup>me</sup> siècle : em 1938.  
 596 - Caetano (Marcelo) : As cartas de Leiria em  
 1254 : em 1954.  
 597 - Caíel : M.<sup>me</sup> Renau : em 1932  
 598 - Caíola (Lourenço) : Coizas delidas pelo  
 tempo : em 1937.  
 599 - ———— : Revivendo o passado :  
 em 1953.  
 600 - Cajal (Ramon y) : Charlas de café : em 1936  
 601 - " " : El mundo visto a los  
 ochenta años : em 1946.

- 602 - Caldas (José): Benequias reorta : em 1840
- 603 - " " : Cartas de um vencido : 1957
- 604 - " " : D. Frei Bartolomeu dos Mar-  
tyres : em 1922
- 605 - " " : Hist.<sup>o</sup> da arripes e estaheleçim.<sup>o</sup>  
da tula da cruzada em Portu-  
gal : em 1824.
- 606 - " " : Hist.<sup>o</sup> dum fogo morto : em 915
- 607 - " " : Os fleemildes : em 1816
- 608 - " " : Os jesuitas : em 1937
- 609 - Caldeira (Fernando): A Madrepada : em  
1901 e em 1910.
- 610 - Balderei de la Barca : La dama dueude : 949.
- 611 - " " : O Grande Teatro do  
Mundo : em 1859
- 612 - " " : A recereto agrario ce-  
reta venganza : em 1949
- 613 - " " : La vida es sueño : 924
- 614 - Baldwell (Erskine): al estrada do tabaco :  
em 1945.
- 615 - Calidaca : Xacuntala : Trad.<sup>o</sup> de Mariaes  
Gracias : em 1932.
- 616 - Calmon (Pedro): Vida de D. Pedro I : em 952
- 617 - Calwell : A Tactica de Hoje : em 1803.
- 618 - Camacho (M.<sup>o</sup> de Brito): A caminho de  
Africa : em 1823
- 619 - " " : Ata de leve : em 1816
- 620 - " " : Os aueres de Latino Coelho :  
em 1924.
- 621 - " " : D. Carlos intimo : em 1927
- 622 - " " : Contos pelogues : em 1834.

- 623 - Camacho {M. de Brito}: Ferroadas: em 1933  
 624 - " " : Fonte Coer: em 1930  
 625 - " " : " rustica: em 1921 e 1952.  
 626 - " " : Impressões de viagem: 1920  
 627 - " " : Jornadas: em 1927  
 628 - " " : Leupe da vista: em 1920  
 629 - " " : Leudes: em 1931.  
 630 - " " : Nas horas calmas: em 1922  
 631 - " " : Preto e branco: em 1926  
 632 - " " : Quadros alentejanos: em 1925  
 e em 1953  
 633 - " " : A questão romana: em 1930  
 634 - " " : A reacção: em 1932  
 635 - " " : Barras de Leudas: em 1925  
 636 - Camara {D. João da}: Alcacer-Kibir: 1900  
 637 - " " : O beijo do Infante: 1904  
 638 - " " : Casam<sup>6</sup> e mortalha: 1958  
 639 - " " : El-Rei: em 1911.  
 640 - " " : Meia-noite: em 1900 e 1953  
 641 - " " : A triste Vivinha: em 1900  
 642 - " " : Os Velhos: em 1931 e 1958.  
 643 - Camargo {Joraci}: Deus me papue...: em 1946  
 644 - Cambo {Francisco}: Las ditaduras: em 1930  
 645 - Camilo: Agostinho de Beuta: em 1908  
 646 - " : Agulha em palheiro: em 1898,  
 em 1924, 1937, 1954 e 1959.  
 647 - " : Amor de perdizes: em 1899, em 1914,  
 1924, 1925 e 1931.  
 648 - " : Amor de palhação: em 1914 e 1950  
 649 - " : Anátoma: em 1898 e 1948  
 650 - " : Anos de yrosa: em 1899, em 1919,  
 em 1950 e 1958.